

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL SUPERIOR
2016/2017



TRABALHO INDIVIDUAL DE FINAL DE CURSO

ENSINO E FORMAÇÃO EM SAÚDE NAS FORÇAS ARMADAS

O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A FREQUÊNCIA DO CURSO NO IUM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS OU DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA.

Luís Filipe Vasconcelos Farinha
PRIMEIRO-TENENTE MÉDICO NAVAL



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS

ENSINO E FORMAÇÃO EM SAÚDE NAS FORÇAS ARMADAS

PRIMEIRO-TENENTE MÉDICO NAVAL
Luís Filipe Vasconcelos Farinha

Trabalho Individual de Final de Curso do CPOS

Pedrouços 2017



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS

ENSINO E FORMAÇÃO EM SAÚDE NAS FORÇAS ARMADAS

PRIMEIRO-TENENTE MÉDICO NAVAL
Luís Filipe Vasconcelos Farinha

Trabalho Individual de Final de Curso do CPOS

Orientador: Capitão-de-Fragata Engenheiro Hidrógrafo Calisto de Almeida

Coorientador: Capitão-Tenente Paulo Alonso Lindo

Pedrouços 2017



Declaração de compromisso Anti plágio

Eu, **Luís Filipe Vasconcelos Farinha**, declaro por minha honra que o documento intitulado **“O Ensino e Formação em Saúde nas Forças Armadas”** corresponde ao resultado da investigação por mim desenvolvida enquanto auditor do **Curso de Promoção a Oficial Superior 2016/2017** no Instituto Universitário Militar e que é um trabalho original, em que todos os contributos estão corretamente identificados em citações e nas respetivas referências bibliográficas.

Tenho consciência que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falta ética, moral, legal e disciplinar.

Pedrouços, **19 de Junho de 2017**

Luís Filipe Vasconcelos Farinha



Agradecimentos

Ao meu filho pelas horas de inspiração;

À minha esposa, por tudo...;

Ao meu orientador, Capitão-de-fragata Calisto de Almeida, pela orientação e presença;

Ao Capitão-de-mar-e-guerra Domingos Vaz, da Divisão de Relações Externas do Estado-Maior da Armada pelos contatos internacionais efetuados;

Ao meu coorientador Capitão-tenente Alonso Lindo pelo apoio.



Índice

Introdução	1
1. Enquadramento do tema	4
1.1. Conceitos gerais	4
1.2. Definição de Medicina Militar	5
1.3. A Especificidade da Medicina Naval	7
2. O Ensino de Medicina na Escola Naval e nas Academias Militares	9
2.1. O ensino da Medicina na Escola Naval	9
2.1.1. O currículo dos médicos admitidos por concurso externo	10
2.1.2. Formação Militar Complementar da Licenciatura em Medicina	12
2.2. Os cursos de medicina militares em Portugal – Exército e Força Aérea	14
2.2.1. O curso de Medicina na Academia Militar	15
2.2.2. O curso de Medicina na Academia da Força Aérea	15
2.3. Síntese conclusiva	16
3. O Ensino da Medicina nas Forças Armadas congéneres	18
3.1. O Curso de Medicina nas Forças Armadas Espanholas	18
3.2. O Curso de Medicina na Marinha Real Britânica	20
3.3. Síntese conclusiva	21
4. A adequação do ensino às necessidades operacionais dos médicos navais	23
4.1. Elaboração do questionário aos médicos navais	23
4.2. Resultados e análise do questionário	24
4.2.1. Respostas comuns aos dois grupos de médicos	24
4.2.2. Respostas dos médicos admitidos por concurso externo	26
4.2.3. Resultados dos médicos admitidos pela Escola Naval	27
4.3. Síntese conclusiva	28
Conclusões	29
Bibliografia	32



Índice de Anexos

Anexo A — Plano de estudos da Formação Militar Complementar do Mestrado em Medicina da Academia da Força Aérea	Anx A-1
--	---------

Índice de Apêndices

Apêndice A — Curso de Formação Militar Complementar do Mestrado em Medicina da Academia Militar (1º Ano).....	Apd A-1
Apêndice B — Entrevista realizada à Tenente-coronel <i>Maria Teresa Guerra</i> ..	Apd B-1
Apêndice C — Entrevista realizada à <i>Surgeon Captain Fleur Marshal</i>	Apd C-1
Apêndice D — Questionário efetuado aos médicos navais	Apd D-1

Índice de Apensos

Apenso A — <i>New Entry Medical Officer Course Programme 2017</i>	Aps A-1
---	---------

Índice de Figuras

Figura 1 – Curso de Formação para Oficiais Médicos Navais – 1ª fase	11
Figura 2 – Curso de Formação para Oficiais Médicos Navais – 2ª fase	11
Figura 3 – Curso de Médicos Navais – 1ª ano.....	13
Figura 4 – Curso de Médicos Navais – 2ª ano.....	14
Figura 5 – Curso de Médicos Navais – 3ª ano.....	14
Figura 6 – Resultado dos questionários – idades.....	24
Figura 7 – Resultado dos questionários – posicionamento na carreira médica	25
Figura 8 – Resultado dos questionários – posicionamento na carreira militar	25
Figura 9 – Resultado dos questionários – local da licenciatura em Medicina.....	26
Figura 10 – Resultado dos questionários – satisfação com CFO-MN.....	27
Figura 11 – Resultado dos questionários – nome do curso da Escola Naval	27
Figura 12 – Resultado dos questionários – satisfação com curso da Escola Naval.....	28
Figura 13 – Comparativo entre incorporações através da Escola Naval e efetivos atuais ..	31
Figura 14 – Comparativo entre incorporações por concurso externo e efetivos atuais	31



Índice de Tabelas

Tabela 1 – Objetivo geral e específicos do TIFC	1
Tabela 2 – Questão central e derivadas do TIFC com as respetivas hipóteses	2
Tabela 3 – Nova instrução complementar do CFO-MN 1ª fase	12
Tabela 4 – Nova instrução complementar do CFO-MN 2ª fase	12
Tabela 5 – Disciplinas específicas de saúde militar nas FFAA espanholas	20



Resumo

O ensino e formação em saúde nas forças armadas é um tema importante e atual devido às alterações recentes e previstas no sistema de saúde militar. A adequação do ensino e formação às necessidades assistenciais e operacionais garante uma boa prestação dos serviços. Após uma delimitação do tema, pretende-se analisar o ensino ministrado aos médicos navais na Escola Naval, nomeadamente o seu currículo, e avaliar a sua adequabilidade aos requisitos operacionais na Saúde Naval. Para cumprir este propósito usar-se-á uma estratégia mista com uma “*grounded theory*”, recorrendo a pesquisas bibliográficas, entrevistas exploratórias, entrevistas dirigidas e um questionário. Através da análise crítica do currículo dos médicos navais na Escola Naval, comparando com o que é feito noutras forças armadas nacionais e internacionais e analisando o questionário efetuado aos médicos navais, concluir-se-á que as hipóteses colocadas inicialmente são validadas. Como será comprovado o currículo ministrado aos médicos navais poderá ter que ser alvo de uma reformulação para que as necessidades operacionais e assistenciais da saúde militar sejam atingidas.

Palavras-chave

Ensino

Medicina

Sistema de Saúde Militar

Saúde Naval



Abstract

Health education and training in the armed forces is an important and current theme due to recent changes in the military health system. The adequacy of teaching and training to care and operational needs ensures a good service delivery. After a delimitation of the theme, it is intended to analyze the teaching given to naval physicians in the Naval School, namely its curriculum, and to evaluate its suitability to the operational requirements in Naval Health. To fulfill this purpose, a mixed strategy with a grounded theory will be used, resorting to bibliographical research, exploratory interviews, directed interviews and a questionnaire. Through the critical analysis of the naval physicians' curriculum at the Naval School, comparing with what is done in other national and international armed forces and analyzing the questionnaire made to naval physicians, it will be concluded that the hypotheses initially put forward are validated. As will be demonstrated, the curriculum delivered to naval physicians may have to be reformulated to meet operational and assistance military health care.

Keywords

Teaching

Medicine

Military Health System

Naval Health



Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AM – Academia Militar

AFA – Academia da Força Aérea

ATLS® – *Advanced Trauma Life Support*

CEMA - Chefe do Estado-Maior da Armada

CMS – *Cuerpo Militar de Sanidad*

CPOS - Curso de Promoção a Oficial Superior

CTEMPs – Curso de Trauma e Emergência Médica para Profissionais de Saúde

DIRSAM – Direção de Saúde Militar

EN – Escola Naval

EMFAR – Estatuto dos Militares das Forças Armadas

EMGFA - Estado-Maior General das Forças Armadas

ESSM – Escola de Serviço de Saúde Militar

FFAA - Forças Armadas

FCCS® - *Fundamentals in Critical Care Support*

FMCLM – Formação Militar Complementar da Licenciatura em Medicina

FCM-UNL – Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa

FML-UL – Faculdade de Medicina de Lisboa da Universidade de Lisboa

GNR – Guarda Nacional Republicana

H - Hipótese

HFAR - Hospital das Forças Armadas

INEM - Instituto Nacional de Emergência Médica

LOBOFA - Lei Orgânica de Bases da Organização das Forças Armadas

NRBQ - Nuclear, Radiológico, Biológico e Químico

OE – Objetivo Específico

OG – Objetivo Geral

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

PHTLS® – *Pre-hospital Trauma Life Support*

QC - Questão Central

QD - Questão Derivada

RIFUN – Regulamento Interno das Forças e Unidades Navais

RN – *Royal Navy* (Marinha Real Britânica)



SAV - Suporte Avançado de Vida

SM - Saúde Militar

SMO – Serviço Militar Obrigatório

SNS - Serviço Nacional de Saúde

SS - Serviço de Saúde

SSM - Sistema de Saúde Militar

TIFC – Trabalho Individual de Final de Curso

TCCC® - *Tactical Combat Casualty Care*

UEFISM - Unidade de Ensino, Formação e Investigação em Saúde Militar

VMER – Viatura Médica de Emergência e Reanimação



Introdução

O tema proposto para o Trabalho de Investigação de Final de Curso (TIFC) tem o seguinte título: *“Ensino e Formação em Saúde nas Forças Armadas”*. Como pode ser consultado na alínea 1 do artigo 75º do Estatuto dos Militares das Forças Armadas (EMFAR) “O ensino e a formação nas Forças Armadas (FFAA) visam a preparação de todos os militares para o desempenho de cargos e exercício de funções de cada categoria e quadro especial, concretizando-se em percursos formativos estruturados na aquisição e desenvolvimento de competências.” (Ministério da Defesa Nacional, 2015). No caso específico da saúde militar o ensino e formação são da extrema importância tendo em conta que o seu exercício diário tem de ser comparável com o exercício no mundo civil em todos os seus aspetos (deontológico, clínico, etc.), acrescido de conhecimentos e competências técnicas vindas da especificidade da saúde militar nos seus diversos ambientes extremos (estratégico, operacional e tático, espaços confinados, grandes distâncias, extremos de temperatura, hiperbárico e hipobárico, etc.).

O tema deste TIFC é importante devido às modificações que estão a ocorrer no Sistema de Saúde Militar (SSM) e pela especificidade do ensino e formação necessária para o exercício das funções da saúde militar. Este assunto é muito vasto, pelo que atento às delimitações temporais exigidas e à dimensão restrita prevista do presente trabalho, foi decidido pelo autor delimitar o objeto de estudo ao ensino de medicina na Marinha, nomeadamente ao currículo ministrado na Escola Naval (EN) à classe de médicos navais.

Foi apontado como objetivo geral (OG) avaliar o conteúdo do currículo ministrado aos médicos navais na EN na sua adequabilidade às exigências da medicina naval. Os objetivos específicos (OE) foram traçados tendo em conta este OG. A tabela 1 explica o OG e os OE.

Tabela 1 – Objetivo geral e específicos do TIFC

OG	Avaliar o conteúdo do currículo ministrado aos médicos navais na Escola Naval na sua adequabilidade às exigências da medicina naval.
OE1	Caraterizar o ensino ministrado aos médicos na Escola Naval.
OE2	Analisar o ensino ministrado aos médicos navais/militares noutras Marinhas ou Forças Armadas.
OE3	Avaliar a opinião dos médicos navais sobre a adequabilidade do ensino da Escola Naval aos empenhamentos da medicina naval.

Tendo em conta o conteúdo da tabela 1 retiramos a questão central (QC) e as questões derivadas (QD) com as hipóteses (H) consequentes. A tabela 2 explica estes itens.



Tabela 2 – Questão central e derivadas do TIFC com as respetivas hipóteses

QC	O currículo do ensino ministrado aos médicos navais na Escola Naval é adequado para as funções atribuídas aos médicos navais?
QD1	Como está estruturado o currículo do ensino dos médicos navais?
H1	O ensino ministrado aos médicos navais reflete apenas conhecimentos militares genéricos, descurando a especificidade da medicina militar e naval, não havendo temas médicos específicos da saúde no seu currículo.
QD2	Como está estruturado o ensino aos médicos navais/militares noutras Marinhas ou Forças Armadas?
H2	O ensino ministrado aos médicos navais/militares noutras Marinhas/Forças Armadas incluem currículos variados, tanto de índole militar como de saúde.
QD3	Os médicos navais sentem que tiveram o ensino e a formação adequada para as funções que lhes são exigidas?
H3	Os médicos navais sentem que a formação fornecida na Escola Naval não cumpre os requisitos definidos no EMFAR para as funções de médico naval, nem cumpre o necessário para se sentirem capazes de desempenhar funções operacionais.

Para a realização do TIFC *“Ensino e Formação em Saúde nas Forças Armadas”* foi consultada vária legislação em vigor, tanto militar como civil. Foi também consultada legislação específica na área da saúde militar e do ensino da medicina nas várias academias militares, nacionais e internacionais. Na consulta de bases de dados científicas disponíveis não foi encontrado nenhum trabalho de investigação especificamente nesta área. Os temas mais próximos visavam a formação fornecida na Escola de Serviço de Saúde Militar (ESSM) e sobre os recursos humanos em saúde e organização do SSM e Hospital das Forças Armadas (HFAR). Para além da consulta bibliográfica também foram realizadas vários tipos de entrevistas e um questionário para a consecução do TIFC.

A metodologia científica consistiu numa estratégia mista qualitativa e quantitativa. O pressuposto desta metodologia é que partindo de uma teoria inicial e após uma revisão de literatura seja possível a formulação de hipóteses e análise dos dados. Pretende-se usar esses mesmos dados de forma que eles possam dar azo a conclusões com formulação de novas hipóteses e/ou novas teorias. Para o desenho de pesquisa proposto será utilizada a *“Grounded Theory”* ou pesquisa interpretativa. “... o investigador procura desenvolver uma teoria assente em dados sistematicamente recolhidos e analisados de forma interativa... vai desenvolvendo a sua teoria sobre um determinado assunto, ao mesmo tempo que a vai fundamentando através de observação empírica.” (Santos, et al., 2016).

Após uma fase inicial com definição de alguns conceitos, passamos para os restantes capítulos do trabalho que foram organizados paralelamente com o objeto e objetivo de estudo tendo em conta os OE e as QD, tentando dar resposta às questões e validação das H



colocadas. Iniciamos com um enquadramento do tema, passando de seguida para a análise do currículo do ensino ministrado na Escola Naval avaliando paralelamente o que se faz nas restantes academias militares portuguesas e em duas academias estrangeiras. Finalmente, de forma a responder à QC e QD3, foi feito um questionário aos médicos navais para avaliarem a seu próprio ensino e formação. Encerramos este TIFC com algumas conclusões e propostas de temas para TIFC futuros.



1. Enquadramento do tema

“Dada a especificidade da saúde militar é necessário preparar estes recursos humanos para uma panóplia de atuações, não só no campo assistencial, onde a formação é primordialmente orientada para o nível hospitalar e centros de saúde, mas, sobretudo e de maneira mais premente, no campo operacional onde as FFAA estão e deverão estar mais presentes no futuro.” (Guerra, 2013).

Para o enquadramento do tema passamos a explicar alguns conceitos fulcrais neste TIFC, nomeadamente o que se entende por ensino, formação e SSM, e tentamos definir a saúde militar e caracterizar a medicina naval na sua especificidade.

1.1. Conceitos gerais

A definição de ensino e formação difere em vários aspetos. “O **ensino** é a ação e o efeito de ensinar (instruir, doutrinar e amestrar com regras ou preceitos). Trata-se do sistema e do método de instruir, constituído pelo conjunto de conhecimentos, princípios e ideias que se ensinam a alguém. ... é a transmissão de conhecimentos do docente para o estudante, através de diversos meios e técnicas” (Conceito.de, n.d.). Por outro lado, “a **formação** profissional, para além de complementar a preparação para a vida ativa iniciada no ensino básico, visa uma integração dinâmica no mundo do trabalho pela aquisição de conhecimentos e de competências profissionais, ...” (Assembleia da República, 1986). De uma forma muito grosseira podemos simplificar estes conceitos, sendo que o ensino pode ser traduzido em toda a formação pré-graduada que vai desde o ensino básico até ao ensino superior e a formação pode ser simplificada pelo período após a instrução básica, com o intuito de criar competências específicas (cursos de especialização, pós-graduações, etc.).

Nos últimos anos tem-se observado alterações significativas ao **SSM**, partindo de um paradigma de autonomia quase total dos três ramos das FFAA (Marinha, Exército e Força Aérea) para uma realidade de partilha e junção de algumas capacidades médicas. O SSM “compreende a Direção de Saúde Militar, integrada na estrutura do EMGFA (DSM/EMGFA), e as Direções de Saúde dos ramos das Forças Armadas, integradas na estrutura dos ramos das Forças Armadas, e deve organizar-se como um sistema integrado, assente numa função operacional e numa função assistencial ou hospitalar aos militares e aos seus familiares, abrangendo todas as vertentes técnicas da Saúde Militar.” (Ministério da Defesa Nacional, 2014). Este novo paradigma de junção de capacidades na medicina assistencial levou a que várias alterações tivessem que ser levadas a cabo. Podemos



destacar as seguintes: (i) a criação da uma Direção de Saúde Militar (DIRSAM) no âmbito do Estado-maior General das Forças Armadas (EMGFA) (Ministério da Defesa Nacional, 2014) com (ii) a necessidade de readaptação das Direções de Saúde dos ramos das FFAA (Ministério da Defesa Nacional, 2014); (iii) a edificação do HFAR com a sua constante reformulação e redefinição tendo em conta a multiplicidade de legislação já emitida neste sentido (Ministério da Defesa Nacional, 2015), (iv) da extinção da ESSM prevista na Lei Orgânica do Exército (Ministério da Defesa Nacional, 2014) e (v) na criação da Unidade de Ensino, Formação e Investigação em Saúde Militar (UEFISM) (Ministério da Defesa Nacional, 2014).

1.2. Definição de Medicina Militar

A medicina militar constitui a arte e a ciência da medicina como praticada nas FFAA ou noutros ambientes militares. Trata-se de uma especialidade composta, enraizada na medicina geral e na medicina do trabalho, que abrange uma ampla variedade de habilidades e conhecimentos, aplicáveis tanto no cenário nacional como no internacional, com o objetivo primordial de contribuir para o sucesso da missão. Os profissionais são obrigados a trabalhar num único ambiente sociocultural com sua própria estrutura de comando, mas também são obrigados a aderir aos princípios éticos tradicionais da prática médica. Um oficial médico normalmente é um médico especialista que pratica medicina dentro de um ambiente militar, tanto no território nacional como no exterior. Nenhuma disciplina existente no curso de medicina cobre a extensão ou o contexto da prática médica nas forças armadas. Medicina Militar pode ser definida pelo seu próprio conjunto único de características profissionais. (O'Reilly, s.d.)

O médico militar tem de ser capaz de: aderir a um código de conduta e deveres de um médico; ser um soldado adotando uma abordagem centrada na missão; ser um generalista, capaz de operar através de um conjunto diversificado de papéis definidos; estar sujeito à lei militar; estar focado na saúde e no bem-estar dos seus soldados; saber conciliar e harmonizar os deveres e responsabilidades profissionais tanto como soldado individual como com a organização militar; ser um líder; estar ciente do impacto do cenário operacional; ser capaz de executar uma série de procedimentos avançados de intervenção; exemplificar a interoperabilidade; demonstrar um sentido apurado de consciência cultural; defender os que são vulneráveis; promover a saúde entre os militares e população em geral; educar os camaradas; participar na aprendizagem reflexiva sistemática. (O'Reilly, s.d.)



O papel dos especialistas na medicina militar e os cenários complexos em que os cuidados são prestados, partilham algumas características com outras especialidades médicas, mas em conjunto compõem um ramo único e muito distinto da medicina que exige a sua própria formação especializada, desenvolvimento profissional contínuo e acreditação permanente. Os fundamentos organizacionais, logísticos, jurídicos e científicos da medicina militar compõem um corpo único de evidências distintas. O âmbito de atuação do especialista em medicina militar inclui a prática independente num papel que combina elementos das seguintes especialidades, em contextos complexos e por vezes únicos: clínica geral, medicina ocupacional e medicina de emergência. Uma outra gama de componentes específicas e subespecializações contribuem para a prática da medicina militar: medicina tropical, saúde do viajante e doenças infecciosas, saúde pública, medicina do mergulho, medicina aeronáutica, medicina pré-hospitalar, medicina em ambiente químico, biológico, radiológico e nuclear, medicina tática, medicina humanitária de catástrofe, medicina do exercício físico e desportiva e educação médica. Um dos aspetos mais desafiantes da prática médica nas FFAA é a prestação de cuidados de emergência no cenário implantado. Os deslocamentos dos militares são invariavelmente para ambientes remotos e austeros: o trauma militar geralmente envolve lesões catastróficas embora felizmente seja uma ocorrência pouco frequente na maioria das missões. Os médicos são, portanto, confrontados com a perspetiva de gerir o trauma mais complexo, nos ambientes menos hospitaleiros, por períodos prolongados e com pouca frequência. O conjunto de habilidades necessárias impõe um conjunto abrangente de competências avançadas de intervenção para o oficial médico. Os avanços na abordagem de grandes traumas militares, sem paralelo no ambiente civil, contribuem para a educação e treino de toda a medicina. (O'Reilly, s.d.)

Os oficiais médicos estão sujeitos e obedecem à Lei Militar. Os médicos militares também são obrigados a cumprir com certos padrões de aptidão física pessoal, treino de familiaridade com armas, comportamento, códigos de fardamento e padrões exclusivos para seu ambiente de trabalho específico. Além disso, os especialistas em medicina militar são obrigados a ter e integrar as competências essenciais e habilidades de liderança exigidos a todos os oficiais deslocados, incluindo: capacidade de planeamento; priorizar e organizar; competências de comunicação claras, concisas e eficazes e a capacidade de motivar os outros e trabalhar dentro de uma equipe. (O'Reilly, s.d.)



1.3. A Especificidade da Medicina Naval

Como o tema foi delimitado ao ensino dos médicos navais é importante avaliar as competências específicas que são atribuídas à classe, para as quais o ensino poderá que ser direcionado. A esta classe competem várias funções conforme descritas na alínea e) do artigo 204º do EMFAR: “(i) direção, inspeção e execução de atividades relativas ao serviço de saúde; (ii) exercício da medicina nos comandos, forças, unidades, serviços, hospitais e postos médicos; (iii) exercício de funções nas juntas médicas da Armada e noutros organismos que, no âmbito da saúde, requeiram conhecimentos técnico-profissionais próprios da classe; (iv) desempenho de cargos internacionais em organizações criadas ou a criar no âmbito de acordos internacionais” (Ministério da Defesa Nacional, 2015). No Artigo 3.326 do Regulamento Interno das Forças e Unidades Navais (RIFUN) estão também descritas mais algumas das incumbências do médico do navio: “(i) zelar pela saúde da guarnição e promover as medidas sanitárias preventivas, mantendo o comandante informado acerca do estado sanitário do navio; (ii) aconselhar o comandante acerca dos assuntos que exijam conhecimentos específicos de medicina; (iii) efetuar palestras à guarnição sobre higiene, toxicologia, prevenção e profilaxia das doenças epidémicas; (iv) propor os movimentos hospitalares e evacuações do pessoal.” (Estado-Maior da Armada, 2005). Para além destas funções descritas em legislação oficial não podemos deixar de realçar a especificidade da medicina naval não explicita em documentação, mas comumente atribuída de conhecimento básico dos médicos navais. Na medicina assistencial (nos cuidados de saúde primários e/ou hospitalares) a especificidade da medicina naval não será tão marcante, visto que esta tem que ser semelhante na medicina militar e na medicina civil. Mesmo assim nesta área, um bom conhecimento do enquadramento operacional do militar, da sua unidade de colocação, das funções atribuídas e do empenhamento operacional da sua unidade poderá ter relevância nas opções terapêuticas a tomar e consequentemente no prognóstico e na evolução das patologias. Na vertente operacional a especificidade da medicina naval é ainda mais realçada visto que a maior parte destas valências não são comuns aos outros ramos das FFAA e da medicina civil, necessitando de ensino direcionado e formação específica. Das valências específicas da medicina naval podemos realçar: a medicina do mergulho e hiperbárica, a medicina tropical (localizada no alto mar, costeira e de curta e longa exposição), medicina do trabalho – na sua especificidade militar e naval, emergência médica (tanto traumática como médica) e medicina de superfície em espaços confinados e de largas distâncias a centros



especializados, evacuações aeromédicas, conservação e preservação de medicamentos e apóritos, etc.



2. O Ensino de Medicina na Escola Naval e nas Academias Militares

A classe de médicos militares tradicionalmente sempre foi guarneçada por médicos civis licenciados em Medicina e autónomos na prestação da atividade médica, integrados na carreira militar por concursos externos ordinários e extraordinários ou provenientes do Serviço Militar Obrigatório (SMO). Em 1998 o Exército e em 1999 a Marinha e a Força Aérea admitiram, pela primeira vez, cadetes nas suas academias militares para realização do curso de medicina e desta forma integrar a classe de médicos militares através desta nova via de admissão. As três academias militares: a EN, a Academia Militar (AM) e a Academia da Força Aérea (AFA) foram autorizadas a conferir o diploma de Formação Militar Complementar da Licenciatura em Medicina (FMCLM) (Ministérios da Defesa Nacional e da Educação, 1999). As academias militares assinaram protocolos de cooperação com faculdades de medicina civis para o ensino da medicina deixando para si a formação militar. O currículo da FMCLM foi definido pelas próprias academias militares nos seus conteúdos, objetivos programáticos e duração da formação.

Na Marinha, a partir de 1999 e durante sete anos houve simultaneamente admissão para os quadros permanentes destas duas formas de entrada. De seguida passamos a descrever o plano de estudos das várias academias militares com maior enfoque no da EN nestas duas formas de admissão.

2.1. O ensino da Medicina na Escola Naval

Neste momento a classe de médicos navais é constituída por dois grandes grupos na sua forma de admissão, mas sem diferenciação na ordenação militar nem no desempenho médico ou funções atribuídas. Um grupo são os médicos admitidos por concurso externo após conclusão da licenciatura em medicina e autónomos na profissão médica, admitidos para realização da especialidade médica ou já especialistas. O outro grupo são os estudantes que finalizando o ensino secundário, ingressaram na EN para a realização do ensino universitário (neste caso medicina) através desta instituição de ensino universitário militar. Nos dois grupos o método usado no recrutamento é para prestação de serviço efetivo, ou seja, entrada nos quadros permanentes (Assembleia da República, 1999). De seguida passamos a definir estas duas formas de admissão de médicos navais visando especificamente os seus currículos de formação. Para além da consulta de legislação existente foi feita uma entrevista dirigida ao Diretor de Ensino da Escola Naval, o Capitão-de-mar-e-guerra Ramalho Marreiros (Marreiros, 2017).



2.1.1. O currículo dos médicos admitidos por concurso externo

Para os médicos já licenciados em medicina e autônomos na atividade médica a EN criou um programa de formação militar para integração na carreira militar, de acordo com várias legislações: a Lei de Serviço Militar, contemplando um período de instrução básica e outro de instrução complementar (Assembleia da República, 1999), e publicações internas criadas para o efeito como o PESSCOLNAV 41 (publicação da EN) (Escola Naval, 2002). Esta forma de recrutamento foi instituída durante vários anos, sendo prática anual e regular desde 1998 até 2006. A partir deste ano e até 2016 houve um concurso em 2008 com a entrada de um médico naval. Em 2016 e 2017 este tipo de concurso foi reaberto, mas não houve admissão de médicos (um sem candidatos e outro onde não superaram a fase do recrutamento).

As capacidades avaliadas através desta via de recrutamento eram competências médicas ao invés de outras (físicas, psicotécnicas, etc.). As provas de seleção eram efetuadas com o intuito primordial de seriação e não unicamente de exclusão. Desta forma eram realizadas exames médicos no extinto Hospital da Marinha em três fases: discussão curricular (de um currículo entregue na fase de recrutamento), prova prática com colheita e escrita de duas histórias clínicas (uma de índole médica e outra cirúrgica) de doentes internados no Hospital da Marinha com discussão posterior das mesmas, e uma prova teórica com escrita e discussão de uma dissertação sobre dois temas clínicos (um médico e outro cirúrgico) escolhidos de uma lista disponibilizada previamente. Após esta fase de seriação era publicada a lista final de admitidos dando-se posteriormente início à instrução militar. De acordo com as publicações da EN, a instrução militar chama-se curso de formação de oficiais médicos navais (CFO-MN) (Escola Naval, 2002). Este curso é composto por duas fases. A fase inicial, a instrução básica descrita na Lei de Serviço Militar (Assembleia da República, 1999), é conjunta com os Técnicos Superiores Navais (licenciados recrutados à sociedade civil com as mais variadas competências e áreas de trabalho com o intuito de colmatar necessidades específicas da Marinha, admitidos para prestação de serviço efetivo em regime de contrato).

“A instrução básica, que visa habilitar os instruendos com uma preparação militar geral, e que termina no ato do juramento de bandeira, que é sempre prestado perante a Bandeira Nacional; ... As orientações gerais relativas à instrução militar são definidas por despacho do Ministério da Defesa Nacional, ouvido o conselho de Chefes de Estado-Maior” (Assembleia da República, 1999). Esta fase inicial contém várias disciplinas com o



objetivo de integrar estes licenciados nas mais variadas áreas do ambiente militar. Podemos ver o conteúdo formativo na figura 1.

CURSO DE FORMAÇÃO PARA OFICIAIS MÉDICOS NAVAIS(CFOMN)

1ª Fase (5 Semanas) - Disciplinas e instruções	Tempos Semanais
Elementos de Organização	3
Liderança	3
Marinharia	3
Armamento Portátil	2
Educação Física	4
Infantaria	5
Elementos de Secretariado	2
Elementos de Comunicações	2
Regulamentos	5
	2
Outras actividades	3
<i>Total.....</i>	34

Figura 1 – Curso de Formação para Oficiais Médicos Navais – 1ª fase

Fonte: (Escola Naval, 2006)

“A instrução complementar que visa proporcionar a formação adequada ao exercício de cargos e funções próprias de cada uma das classes, armas, serviços ou especialidades.” (Assembleia da República, 1999). A segunda fase do CFO-MN é específica para os médicos e contempla, entre outros aspetos, palestras sobre a medicina naval, visitas a serviços de saúde em unidades navais e em terra, um embarque de uma semana tutelado por um médico naval e dois cursos (um de limitação de avarias com sobrevivência no meio aquático e outro de medicina do mergulho). Podemos ver o conteúdo formativo desta fase na figura 2.

2ª Fase - Palestras, Visitas e Estágios	Totais
Palestras	17 horas
Visitas	18 horas
Estágios	24 dias

Figura 2 – Curso de Formação para Oficiais Médicos Navais – 2ª fase

Fonte: (Escola Naval, 2006)

Após a entrevista com o Diretor de Ensino da EN foi fornecido um novo currículo para o CFO-MN, elaborado em conjunto com a Direção de Saúde e que ainda não se encontra aprovado (Marreiros, 2017).



Tabela 3 – Nova instrução complementar do CFO-MN 1ª fase

ATIVIDADES COMPLEMENTARES DE FORMAÇÃO	DURAÇÃO
ANL 04 – Curso de aperfeiçoamento básico de limitação de avarias p/ Cadetes e Praças	5 dias úteis/30 h
IDB 02 – Estágio de Ambiente	2 dias úteis/12 h
Estágio de Embarque	3 dias

Tabela 4 – Nova instrução complementar do CFO-MN 2ª fase

ATIVIDADES COMPLEMENTARES DE FORMAÇÃO	DURAÇÃO
Palestra sobre Higiene Naval	2 h
Palestra sobre Aspetos Médicos de Sobrevivência	2 h
Palestra sobre Logística da Saúde	2 h
Palestra sobre Evacuações Sanitárias Navais	2 h
Palestra sobre o Serviço de Saúde e a Educação Física na Marinha	1 h
Palestra sobre Serviço de Justiça	2 h
Palestra sobre o Programa para a Prevenção de Toxicodependências e Alcoolismo na Marinha	1 h
Visita de Estudo à Direção de Saúde	Meio dia
Visita de Estudo à DP – Junta de Recrutamento e Classificação e Junta de saúde Naval	1 dia
Visita de Estudo ao CEFA	Meio dia
Visita de Estudo à Escola de Mergulhadores / Centro de instrução de Submarinos	1 dia
Visita de Estudo à Escola de Fuzileiros	1 dia
Visita de Estudo ao HFAR e CMSH	1 dia
Visita de Estudo à UTITA e ao LAFTM (futura UMT)	1 dia
Estágio na Escola de LA	3 dias
Estágio no CMN	3 dias
Estágio Básico em Medicina do Mergulho no CMSH	5 dias

Embora neste novo plano já esteja discriminado o conteúdo de cada parte, os cursos que são efetuados são os mesmos (medicina do mergulho e limitação de avarias com a componente ambiental). Excluindo a parte dos cursos e tendo em conta que os médicos estão numa fase de integração de carreira nova com necessidade de aquisição de conhecimentos específicos sobre saúde militar e naval, vemos que a parte formativa é escassa comparativamente com as visitas de estudo (12h de parte formativa e 6 dias de visitas de estudo). Este novo plano de curso já mostra uma evolução significativa ao plano anterior, mas fica aquém do ensino que deveria ser ministrado aos novos médicos navais.

2.1.2. Formação Militar Complementar da Licenciatura em Medicina

A EN não tem capacidade para o ensino da medicina. Para tal, em 1999, assinou um protocolo de colaboração com a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa para o

ensino de Medicina para estes cadetes. Este protocolo foi lavrado de acordo com a portaria nº 745/2000 do Ministério da Defesa Nacional “...a Escola Naval foi autorizada a conferir o diploma de **Formação Militar Complementar da Licenciatura em Medicina** remetendo para portaria a aprovação do respetivo plano de curso” (Ministério da Defesa Nacional, 2000) sendo que a Faculdade de Medicina fica com a responsabilidade da formação conducente ao título de médico com inscrição na Ordem dos Médicos e desempenho autónomo da profissão (Escola Naval e Faculdade de Medicina de Lisboa, 1999). Após este protocolo foi delineado um plano de estudos de forma a por em prática o protocolo assinado. O conteúdo formativo contém uma panóplia de temas militares (regulamentos, comportamento organizacional, marinharia, organização, etc.) e contempla um embarque no final de cada ano. Os temas de saúde militar ou naval abordados são pontuais e escassos como pode ser observado nas figuras seguintes e no capítulo 4 deste TIFC. Pela consulta e comparação de vários Anuários da Escola Naval conclui-se que o plano de atividades é delineado anualmente que desde a sua implementação aos primeiros cadetes em 1999 não sofreu grandes alterações. Esta informação foi confirmada pelo Diretor de Ensino da EN (Marreiros, 2017). Existe um currículo para os três primeiros anos do curso, não havendo conteúdo programático na EN nos três últimos anos deixando toda a parte letiva unicamente para a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Este currículo pode ser consultado nas três figuras seguintes.

[illegible]

Figura 3 – Curso de Médicos Navais – 1ª ano

Fonte: (Escola Naval, 2006)

2º ANO DO CURSO DE MÉDICOS NAVAIS

[illegible]

Figura 4 – Curso de Médicos Navais – 2ª ano

Fonte: (Escola Naval, 2006)

3º ANO DO CURSO DE MÉDICOS NAVAIS

ÁREA DE CONHECIMENTO	ÁREA CIENTÍFICA	DISCIPLINAS	ESCOLARIDADE	CARGA HORÁRIA						COEFICIENTE	U.C.
				1º SEMESTRE			2º SEMESTRE				
				T	TP	P	T	TP	P		
LICENCIATURA EM MEDICINA	CONFORME CURRÍCULUM DA FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA										
FORMAÇÃO MILITAR COMPLEMENTAR	INSTRUÇÃO MILITAR NAVAL	6115 Instr.e Regulamentos Militares III	Anual		2		2			2	3,0
	ORGANIZ. E COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL	6317 Comportamento Organizacional IV	Sem. 1	2						2	2,0
		6203 Organização I	Sem. 2				2			2	2,0
			</								

Figura 5 – Curso de Médicos Navais – 3ª ano

Fonte: (Escola Naval, 2006)

Após algumas entrevistas exploratórias abertas a alguns médicos admitidos pela EN, realizadas na fase de delineação do plano de investigação deste TIFC, observou-se que receberam algum ensino em medicina militar e naval, mas de forma espontânea, não delineada, em formatos díspares e não de forma constante e estruturada.

2.2. Os cursos de medicina militares em Portugal – Exército e Força Aérea

Embora o tema do TIFC esteja restringido ao ensino de medicina na EN é importante comparar como funcionam as restantes academias militares em relação aos seus cursos de medicina no sentido de estabelecer uma analogia entre o que foi feito na EN e o que a AM e AFA fizeram.



2.2.1. O curso de Medicina na Academia Militar

A AM é a unidade do Exército responsável pelo ensino de todos os oficiais do Exército e da Guarda Nacional Republicana (GNR). O curso de formação militar complementar dos oficiais médicos do Exército e da GNR, da AM, tem como objetivos fundamentais: “(i) desenvolver as competências destinadas a satisfazer as qualificações profissionais nas áreas de preparação física e adestramento militar imprescindíveis ao cumprimento das suas futuras missões como oficiais médicos militares; (ii) adquirir a formação militar de índole académica que responda às necessidades objetivas do desempenho profissional, no âmbito dos atuais cenários de atuação; (iii) adquirir as competências no âmbito de suporte de vida, intervenção em situações de emergência, calamidade, catástrofe e outras.” (Academia Militar, 2016). O plano de estudo contempla sete anos de curso com disciplinas militares no primeiro ano conforme tabela colocada no apêndice A, não havendo descrição do conteúdo programático dos restantes anos letivos. Por entrevistas exploratórias realizadas aos médicos do Exército, nos seis anos seguintes os cadetes estão maioritariamente colocados na faculdade de medicina. Este primeiro ano visa a “militarização” dos cadetes e integração na vida militar. “Em simultâneo com a formação científica de base e índole técnica e tecnológica, é ainda ministrada ao longo do curso uma carga mínima, nas áreas de formação comportamental, formação geral militar (360 horas) e educação física (720 horas).” (Academia Militar, 2016). A ensino em Medicina é ministrado na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa (FCM-UNL). De acordo com a página eletrónica da AM durante o sétimo ano, chamado de tirocínio para oficial, o cadete presta serviço em faculdades ou estabelecimentos de serviços de saúde militares e civis e na ESSM. Não se observam disciplinas formais de formação médica militar durante esta formação na AM, nem autonomamente nem com parcerias externas.

2.2.2. O curso de Medicina na Academia da Força Aérea

A AFA assinou um protocolo com a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa para a formação dos cadetes da FA. Na página eletrónica da AFA não estão descritos os objetivos da formação militar complementar do Mestrado em Medicina, estando descritas as competências e atribuições dos médicos da FA. “Aos oficiais médicos da Força Aérea compete o desempenho de funções de âmbito militar e da respetiva especialidade, nomeadamente assegurar a assistência médico-sanitária às operações aéreas,



em território nacional e no estrangeiro em missões internacionais, bem como prestar assistência e socorro em caso de acidente ou emergência nas unidades da Força Aérea. Orientam e coordenam as ações de promoção de saúde e prevenção da doença aos militares da Força Aérea e avaliam a aptidão física e psíquica do pessoal da Força Aérea. Prestam serviço nos Centros de Saúde das Unidades da Força Aérea, e/ou no Hospital das Forças Armadas. Desempenham cargos e exercem funções nas Juntas Médicas da Força Aérea e em outros organismos que, no âmbito da saúde, requeiram conhecimentos técnico-profissionais da especialidade. Os oficiais médicos, ao longo da sua carreira exercem também funções de comando, chefia ou de direção de órgãos ou serviços da FAP e, numa fase mais avançada, podem ainda desempenhar tarefas administrativas, de docência e de gestão. Podem colaborar e desenvolver projetos de investigação autónomos ou em cooperação com entidades nacionais ou estrangeiras, bem como, em casos específicos, prosseguir estudos especializados de pós-graduação e docência. Podem ainda desempenhar cargos de natureza médico-militar em organizações internacionais.” (Academia da Força Aérea, 2017).

O curso de formação militar complementar do mestrado integrado em Medicina da AFA pode ser consultado no anexo A. Novamente não se observam disciplinas formais de formação médica militar durante esta formação, nem autonomamente na AFA, nem com parcerias externas.

2.3. Síntese conclusiva

Após a análise do currículo do CFO-MN e FMCLM da EN e dos currículos das outras academias militares podemos retirar algumas conclusões. O ensino da medicina é realizado em universidades civis, indo de acordo com a legislação existente e com os protocolos assinados entre as academias militares e as faculdades de medicina. Foi assumido que as faculdades civis formariam médicos que seriam reconhecidos pela Ordem dos Médicos e que as academias militares, neste caso a EN, ensinariam a vertente militar desses médicos em formação. O fato é que não houve o reconhecimento da especificidade da medicina militar, nem a integração de disciplinas específicas de saúde militar ou naval no currículo obrigatório da FMCLM. O CFO-MN tem algumas disciplinas específicas, mas fica aquém do que deveria ter tendo em conta o especificado no capítulo 2. O Diretor de Ensino da EN comentou que a FMCLM é uma formação militar naval, semelhante aos cursos de formação básica de oficiais. O curso de medicina não é na EN e é frequentado na



FML-UL. Acrescentou que não faz parte da missão da EN manter um currículo atualizado em saúde naval, nem é suposto ter um corpo docente especializado para prestar este ensino motivado por um universo de cadetes reduzido. Neste momento existem dois cadetes na EN em fase de conclusão do mestrado em medicina. O diretor de ensino da EN reconheceu que o recurso a entidades externas no ensino destas competências poderá ser uma solução para colmatar estas falhas (Marreiros, 2017). Tendo em conta a junção do SSM com unificação e centralização das estruturas de saúde, outra solução para este problema, poderá ser a centralização do ensino inicial dos médicos militares numa estrutura conjunta entre as FFAA – eventualmente a nova UEFISM. Esta solução otimizaria o fato do numero reduzido de cadetes militares e potenciaria a solução de ter pessoal especializado e treinado para ministrar este ensino inicial. Esta solução serviria para o FMCLM e o CFO-MN.



3. O Ensino da Medicina nas Forças Armadas congéneres

Após avaliação do ensino ministrado em Portugal iremos observar o que se passa noutras realidades, nomeadamente em marinhas congéneres e aliadas. Desta forma foram analisados os ensinos e a formação dos médicos realizada nas FFAA Espanholas e na Marinha Real Britânica (*Royal Navy – RN*). Estes dois casos de estudo são distintos em variados aspetos: na sua organização, na forma de admissão e recrutamento, do ensino ministrado e no empenhamento dos médicos militares e navais. Desta forma conseguimos ter uma panóplia de perspetivas que vão de encontro ao objeto e objetivo deste TIFC: a adequação do ensino às necessidades operacionais. A escolha incidiu sobre estes dois países por terem formas de admissão pelo qual Portugal já ponderou e/ou já teve e porque poderão ser um exemplo de uma possível evolução do SSM português.

Resumidamente as FFAA Espanholas têm um *Cuerpo Militar de Sanidad* ou Corpo Militar de Saúde (CMS), comum aos três ramos das FFAA (e para a *Guardia Civil*) na sua admissão, recrutamento, ensino e formação. Os médicos são maioritariamente admitidos para realização do curso de medicina após o término do seu ensino básico, havendo também recrutamento de licenciados em medicina e/ou de médicos já especialistas nas variadas especialidades médicas. No caso da admissão para realização do curso de medicina, este é efetuado numa academia comum dos três ramos das FFAA em parceria com uma universidade civil. Após este período inicial comum e generalista de formação nos vários ambientes operacionais, os médicos militares são direcionados para os ramos das FFAA onde são colocados, integrados e onde irão progredir na sua carreira. Não obstante desta colocação num dos ramos das FFAA, os médicos podem e são chamados para os mais diferentes ambientes operacionais diferentes do ramo de colocação.

Por outro lado, na RN a seleção dos médicos é feita nas mais diversas fases da carreira medica: o período de recrutamento é entre o terceiro ano da faculdade de medicina até os 45 anos de idade, em qualquer fase de formação ou de diferenciação médica. Os três ramos das FFAA são autónomos no seu processo de seleção, recrutamento e colocação. Passamos a ver cada caso em mais detalhe.

3.1. O Curso de Medicina nas Forças Armadas Espanholas

A organização do SSM em Espanha sofreu uma remodelação importante em 1990 passando de um paradigma de individualidade para uma realidade de partilha e junção de competências para otimização de capacidades. Este racional pode ser expresso no seguinte



estudo, nomeadamente na componente naval: “Um navio pode ser considerado como a soma das seguintes características: uma ilha flutuante (devido ao isolamento e à falta de capacidade de diagnóstico completo), um complexo industrial (a concentração de diferentes tipos de máquinas que produzem calor concentrado em espaços confinados, ruído excessivo, vibrações e outros riscos relacionados com o manuseamento dos mais variados equipamentos), longe de casa (solidão e separação da família prolongada pode causar o stress), um cluster com contactos próximos (em que as doenças infecciosas podem espalhar-se rapidamente), uma plataforma móvel (oscilações contínuas com consequentes doenças do movimentos com possível aumento de lesões prévias ou adquiridas), um armazém de explosivos (risco de explosão, queimaduras e trauma) que se move por uma variedade de áreas geográficas (com contágio doenças estranhas à área geográfica habitual ou com o transporte de vetores entre várias áreas geográficas), tudo sem por de parte a possibilidade de vítimas por ação inimiga (J.F., et al., 2016). Neste racional o ensino e a formação foram pensados para preparar o pessoal de saúde para este e outros ambientes hostis (naval, aéreo e terrestre).

Por intermédio da Divisão de Relações Externas do EMA foi feito um contacto através do adido militar em Espanha para ser encontrada uma pessoa de ligação na área específica de saúde das FFAA espanholas que pudesse responder a algumas questões relevantes sobre esta temática. A Direção Geral de Recrutamento e Ensino Militar (*DIGEREM*) integrada na Subsecretaria da Defesa nomeou a **Tenente-coronel Médica Maria Teresa Gavela Guerra** para responder às questões formuladas. Foi feito um pequeno resumo do objetivo do TIFC com um enquadramento do tema seguido de algumas questões dirigidas. A entrevista foi realizada através de correio eletrónico de forma fechada com perguntas dirigidas. De seguida transcreve-se um resumo do conteúdo da entrevista, traduzido pelo autor. A entrevista pode ser consultada em mais detalhe no Apêndice B.

A admissão de médicos nas FFAA espanholas é feita através de um concurso externo anual, de forma conjunta e independentemente do ramo das FFAA para que seja direcionado à posteriori. Havendo formas de recrutamento em fases diferentes da carreira médica o ensino é estruturado de forma e alturas diferentes, mas com os mesmos princípios. Para os que ingressam após o ensino básico, o ensino militar generalista e de saúde militar é diluído em seis anos, juntamente com o ensino da medicina na universidade civil. Para os que ingressam já médicos (generalistas ou especialistas) o ensino é condensado num período mais curto, mas cumprindo os mesmos ideais. Após ultrapassar



um período de formação militar generalista inicia-se a formação militar técnica na área da saúde realizada na *Escuela Militar de Sanidad*, integrada na atual *Academia Central de la Defensa*. Esta formação técnica visa preparar os oficiais médicos com treino em várias áreas. O fator determinante para unificar a saúde militar foi conseguir ter um perfil de pós-graduação adequado de modo a ter uma opção médica versátil e treinada para qualquer um dos ramos, e deste modo facilitar a mobilidade e nomeação para missões internacionais, independentemente do ramo a que pertença (Guerra, 2017). As disciplinas militares são as expressas na tabela 5.

Tabela 5 – Disciplinas específicas de saúde militar nas FFAA espanholas

Ano	Disciplinas
1º ano	- Organização do Ministério da Defesa e dos órgãos centrais
2º ano	- Organização Sanitária das Forças Armadas - Suporte Básico de Vida e primeiros socorros em ambiente militar - Cuidados de Saúde em ambiente NRBQ - Saúde Pública e medicina preventiva em ambiente militar
3º ano	- Meio ambiente e proteção ambiental - Logística e planeamento sanitário
4º ano	- Organização e gestão sanitária - Medicina do trabalho e saúde laboral - Medicina de catástrofe - Prevenção de riscos laborais - Proteção sanitária e informações médicas - Medicina legal e medicina pericial (ambiente militar)
5º ano	Sem disciplinas específicas de saúde militar

3.2. O Curso de Medicina na Marinha Real Britânica

Do mesmo modo que para as FFAA espanholas, também foi realizada uma entrevista através do correio eletrónico com perguntas fechadas, à *Surgeon Captain Fleur Marshal* do *Institute of Naval Medicine* em *Gosport, Portsmouth* no Reino Unido. O Instituto de Medicina Naval, fundado em 1969, é o local primordial do treino médico da RN. Este instituto oferece treino médico especializado, orientação e apoio ao recrutamento, realiza investigação clínica, detém capacidade de laboratório e instalações clínicas. O contacto foi obtido através da Divisão de Relações Externas do EMA. Foi feito um pequeno resumo do objetivo do TIFC com um enquadramento do ensino e formação médica na Marinha Portuguesa, seguido de algumas questões dirigidas.

A entrevista pode ser consultada em mais detalhe no Apêndice C. Resumidamente foi explicado que a RN recruta médicos desde os três últimos anos da faculdade de



medicina até aos 45 anos de idade. O racional desta decisão tem a ver com a dificuldade de manutenção e retenção destes profissionais na RN: abrangendo o universo e flexibilizando a admissão e saída, facilitam a manutenção dos quadros mínimos para garantir a operacionalidade. Cada ramo das FFAA é autónomo no recrutamento, gestão de carreira e promoção dos oficiais médicos, embora alguma da formação médica militar seja realizada em conjunto. A RN não tem a sua própria escola médica/universidade por isso o recrutamento é feito nas universidades do Reino Unido. No caso da RN, quando os licenciados em medicina terminam os *foundation years*, começam a sua formação militar naval básica que é realizada na *Britannia Royal Naval College* em *Darmouth*. Se forem aprovados passam para a segunda fase de formação no *Institute of Naval Medicine* em *Gosport, Portsmouth*. Este é chamado de *New Entry Medical Officer (NEMO) Course*, tem duração de três meses e é realizado anualmente. Esta forma de admissão é semelhante para qualquer médico admitido em qualquer fase da carreira médica. Na conclusão de NEMO os médicos passam 3 anos como oficiais médicos de serviço geral passando por várias unidades operacionais: navios, submarinos, fuzileiros, etc. O curso NEMO inclui vários temas de integração dos médicos britânicos na medicina militar e naval. De entre muitos temas de formação médica militar podemos constatar: *Battlefield Advanced Trauma Life Support*; *Advanced Life Support*; *Standard Underwater Medicine Course*; *Psychiatric Master Class*; *Aviation Medicine Course*; *Dental Surgery Course*; *Underwater Helicopter Escape Trainer*; *Medical Organisation for Action & Emergency (MOFA)*; *NRBQ*; *Military Medical Computing System*, etc. O conteúdo e plano deste curso pode ser consultado em mais detalhe no Apenso A.

3.3. Síntese conclusiva

Após uma análise sumária dos currículos nas FFAA espanholas e na RN constatam-se alguns fatos comuns e outros fatos díspares, entre elas e com a realidade portuguesa. O ensino da medicina também é realizado em universidades civis. É assumido que as faculdades civis formam médicos na verdadeira abrangência do conceito, tendo o currículo necessário para serem reconhecidos pelas suas ordens profissionais nacionais como trabalhadores autónomos. Nestas duas realidades estrangeiras, as chefias militares reconhecem a incapacidade dessas mesmas faculdades em formar médicos militares. Como solução para colmatar essa falha assumida, os serviços de saúde militares têm previsto um currículo específico de militarização destes médicos (instrução básica), bem como de



preparação para a medicina operacional nas suas várias vertentes (instrução complementar). Desta forma estas duas FFAA organizaram currículos detalhados com componentes teóricas e práticas das mais variadas índoles, para adaptação à realidade do serviço operacional. Embora seja uma realidade mais óbvia nas FFAA espanholas (mas também presente na RN), há uma junção do ensino básico entre os ramos das FFAA destes dois países. Houve um reconhecimento que o ambiente conjunto seria útil neste campo.



4. A adequação do ensino às necessidades operacionais dos médicos navais

Para uma melhor avaliação da adequação do ensino ministrado aos médicos navais às exigências da medicina operacional foi efetuado um questionário aos médicos navais.

4.1. Elaboração do questionário aos médicos navais

“O questionário é um instrumento de recolha de dados cujo preenchimento fica a cargo do informante. Como todas as outras técnicas, apresenta vantagens e inconvenientes. No que toca às vantagens destacam-se as seguintes: ser barato; garantir o anonimato do informante (que de alguma maneira assegura maior autenticidade nas respostas); não exigir uma resposta imediata (não sendo, contudo, consensual que neste caso se trate de uma vantagem, já que esse facto permite delinear uma determinada estratégia de resposta, ...). Em termos de desvantagens, são comumente referidas as seguintes: não ser aplicável a analfabetos; poder ocorrer dificuldade de compreensão das questões; ...; permitir a resposta em grupo; exigir uma certa homogeneidade dos informantes. Algumas destas desvantagens não fazem já sentido nos casos em que os questionários são colocados *online* ou numa plataforma tecnológica que permita controlo das ações do informante.” (Santos, et al., 2016).

Na realização do questionário foram feitos três tipos de perguntas possíveis de realizar num questionário: perguntas abertas, fechadas e de escolha múltipla. “As perguntas abertas permitem total liberdade de resposta, devendo, por isso ser usadas muito criteriosamente... As perguntas fechadas limitam a possibilidade de resposta a uma das alternativas previamente apresentadas pelo investigador sendo estas tipicamente dicotómicas (opção entre sim e o não) ... as perguntas de escolha múltipla permitem a escolha de uma ou várias respostas de entre um conjunto de opções apresentadas, havendo, genericamente duas submodalidades: as perguntas em leque e as perguntas de avaliação ou de estimação... As perguntas em leque, para além de permitir a escolha de uma com mais opções entre as alternativas apresentadas, podem ainda solicitar ordenação de uma de todas as respostas... (d)as perguntas de escolha múltipla, as de avaliação ou de estimação, permitem a opção por apenas uma resposta dentro um conjunto de alternativas... O objetivo destas perguntas é captar os diversos graus de intensidade em relação ao determinado assunto, fazendo depois uso dos instrumentos de medida para seu tratamento.” (Santos, et al., 2016).



A população alvo identificada foi a classe de médicos navais como presente na Lista da Armada (Marinha Portuguesa, 2015, pp. 11.041 - 11.044) com o número total de 59 indivíduos. Como o autor se encontra na população alvo as suas respostas não foram submetidas totalizando, portanto, 58 indivíduos. De acordo com a “Orientação Metodológica para a Elaboração de Trabalhos de Investigação” seria necessário enviar 52 questionários (Santos, et al., 2016, p. 73) mas pela importância do tema para a classe de médicos navais foi decidido enviar uma hiperligação do questionário para todos os médicos navais, tanto para o endereço de correio eletrónico institucional como para o pessoal. O questionário foi elaborado na plataforma on-line “Formulários do Google®”. O questionário contempla 32 questões divididas em 4 secções: uma parte demográfica, duas partes diferentes para as duas formas de admissão de médicos navais onde foram inquiridos sobre o ensino de medicina militar e naval, e uma última parte sobre a formação operacional que cada um dos médicos navais teve que realizar para tentar colmatar possíveis falhas ou complementar o ensino inicial. O questionário completo pode ser consultado no apêndice B.

4.2. Resultados e análise do questionário

Após duas semanas para resposta ao questionário, foi encerrada a receção de respostas contabilizando 43 recebidas dos 58 questionários enviados, o que soma uma taxa de resposta de 74,1%, ou seja, apenas 25,9% dos médicos navais inquiridos não responderam ao questionário. De seguida são apresentados os resultados desses mesmos questionários.

4.2.1. Respostas comuns aos dois grupos de médicos

Das 43 respostas obtidas houve semelhança no sexo (48,8% do sexo feminino e 51,2% do sexo masculino) com uma variabilidade expectável nas idades expressa na figura 6 de acordo com a própria população-alvo.

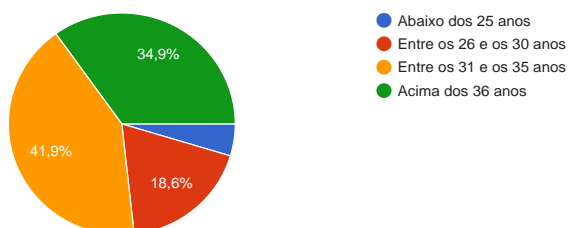


Figura 6 – Resultado dos questionários – idades

Fonte: (Farinha, 2017)



O posicionamento na carreira médica e na carreira militar também foi o esperado tendo em conta a idade das respostas recebidas, expresso na figura 7 e 8 respetivamente. Cerca de metade dos questionados são assistentes hospitalares enquanto que a maioria são oficiais subalternos.

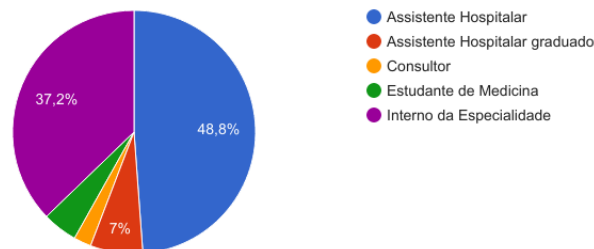


Figura 7 – Resultado dos questionários – posicionamento na carreira médica

Fonte: (Farinha, 2017)

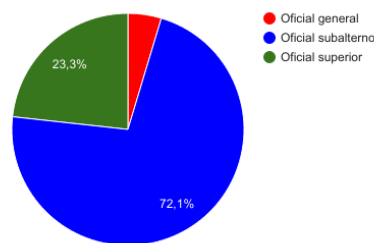


Figura 8 – Resultado dos questionários – posicionamento na carreira militar

Fonte: (Farinha, 2017)

Passando para a última secção e em relação aos embarques de instrução prévios ao início da atividade operacional verificamos que 20,9% (9 respostas) dos médicos referem que não tiveram embarques tutorados por médicos seniores. Consideramos esta percentagem elevada tendo em conta o universo. Alguns médicos responderam que a maioria dos embarques de instrução visavam unicamente formação marinheira ou outras que não associadas à classe de médicos navais, realçando o fato que seria importante ter formação médica nestas viagens de instrução.

Todos os médicos que responderam ao inquérito concordaram que deveriam ter tido mais conhecimentos antes de iniciar a sua atividade operacional e propõem vários conteúdos formativos em saúde militar e naval, na sua maioria já descritos nos capítulos 1.2 e 1.3. No entanto verificamos que apenas 44,2% fizeram alguma formação por iniciativa própria nomeadamente o curso de Viatura Médica de Emergência e Reanimação



do Instituto Nacional de Emergência Médica, TCCC^{®1}, SAV², ATLS^{®3} e PHTLS^{®4}, FCCS^{®5}, BASIC⁶, CTEmps⁷, medicina tropical e medicina hiperbárica.

Em relação à forma de admissão para a Marinha vemos que a maioria (67,4% - 29 indivíduos) das respostas obtidas são de estudantes admitidos pela EN para a realização do curso de Medicina. Aqui foi feita uma divisão nos questionários para as duas formas de admissão.

4.2.2. Respostas dos médicos admitidos por concurso externo.

De um universo de 14 indivíduos, a maioria dos questionados frequentaram as Faculdades de Medicina em Lisboa (64,3%) havendo um licenciado numa faculdade estrangeira (figura 9). Apenas este último teve formação em saúde militar ou naval, nomeadamente em guerrilha rural e urbana, subversão, tiro e tática de combate, explosivos improvisados, interrogatório, medicina e cirurgia de guerra, organização e estrutura de saúde em conflitos.

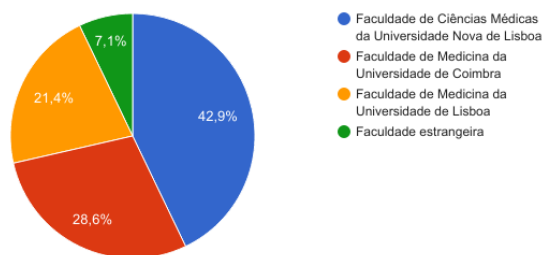


Figura 9 – Resultado dos questionários – local da licenciatura em Medicina

Fonte: (Farinha, 2017)

Deste grupo houve apenas um elemento que não frequentou o CFO-MN. Dos restantes 13, seis disseram que não tiveram formação em saúde militar ou naval no CFO-MN (no capítulo 2.1.1 vimos que o CFO-MN contempla alguns conteúdos de saúde naval). Dos sete que responderam sim, nomearam formação em toxicofilias, ambiente NRBQ⁸, medicina do mergulho e alguns temas teóricos e generalistas da organização da saúde naval (sem conteúdo clínico, unicamente organizacionais).

¹ *Tactical Combat Casualty Care*

² Suporte Avançado de Vida

³ *Advanced Trauma Life Support*

⁴ *Pre-hospital Trauma Life Support*

⁵ *Fundamentals in Critical Care Support*

⁶ *Basic Assessment and Support in Intensive Care*

⁷ Curso de Trauma e Emergência Médica para Profissionais de Saúde

⁸ Nuclear, Radiológico, Biológico e Químico

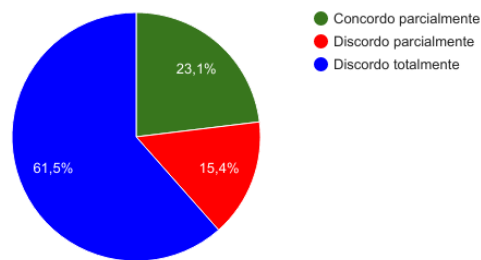


Figura 10 – Resultado dos questionários – satisfação com CFO-MN

Fonte: (Farinha, 2017)

Quando questionados se o CFO-MN os preparou de forma satisfatória para ser um médico naval operacional a resposta é bem explícita: 76,9% (10 respostas) discorda totalmente ou parcialmente com a afirmação.

4.2.3. Resultados dos médicos admitidos pela Escola Naval

A primeira pergunta para este grupo foi o nome do curso que realizaram na EN: apenas 24,1% dos indivíduos (7 num total de 29) sabiam corretamente o nome do curso ministrado na EN (FMCLM).

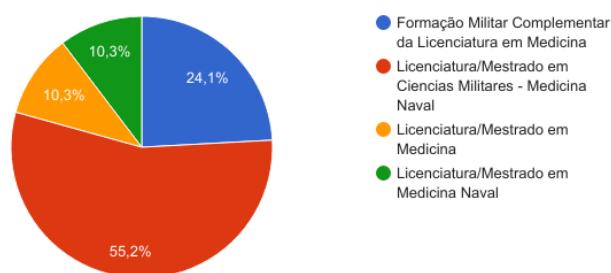


Figura 11 – Resultado dos questionários – nome do curso da Escola Naval

Fonte: (Farinha, 2017)

Neste grupo, 51,7% referem que tiveram alguns tópicos de medicina militar ou naval na Faculdade de Medicina, nomeadamente medicina tropical, medicina do desporto e fisiologia do exercício físico, medicina de emergência e de catástrofe e medicina subaquática e hiperbárica. Este ensino era efetuado através de disciplinas optativas (o que poderá explicar os 48,3% que referem que a FML-UL não tinha tópicos de medicina militar ou naval), transversal a todos os estudantes de medicina, não específico para os estudantes militares transparecendo um não reconhecimento da especificidade da medicina militar ou naval.

Em relação ao ensino na EN, 86,2% referiram que o currículo obrigatório não tinha tópicos de medicina militar ou naval e 75,9% ainda acrescentaram que não sentiram que a



instituição tenha demonstrado preocupação em instaurar estes temas. Os restantes 24,1% referiram que tiveram algumas aulas ou palestras entre camaradas, na maioria das vezes por iniciativa do Diretor de Curso.

Em relação à formação pós-graduada, 86,2% referiram que fizeram a Pós-graduação em Saúde Militar realizada na ESSM e 79,3% acham que esta formação consegue preencher algumas lacunas no ensino de base da EN e da FML-UL.

Quando questionados se a EN os preparou de forma satisfatória para ser um médico naval operacional a resposta é bem explícita: 82,7% (25 respostas) discordam totalmente ou parcialmente com a afirmação.

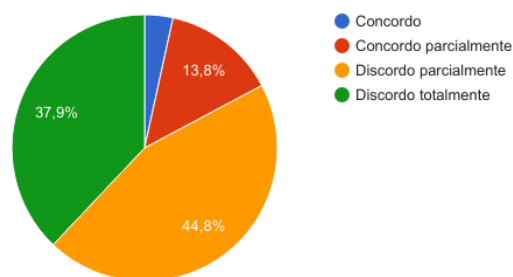


Figura 12 – Resultado dos questionários – satisfação com curso da Escola Naval

Fonte: (Farinha, 2017)

4.3. Síntese conclusiva

O objetivo de realização deste questionário foi de inferir junto da classe de médicos navais se achavam que o seu ensino foi adequado às necessidades operacionais. Não se pretende, com este questionário, extrapolar para toda a população-alvo, nem retirar conclusões definitivas, mas as respostas obtidas claramente apontam numa direção. A opinião generalizada é que os currículos não contemplam disciplinas na área da saúde militar/naval e não cumprem os requisitos necessários a nível individual que os médicos navais precisam para se sentirem mais seguros na atividade operacional.

Uma questão levantada na entrevista ao Diretor de Ensino da EN foi da inconstância e das sucessivas ausências e alterações aos Diretores de Curso dos médicos navais que dificulta a gestão do curso, no acompanhamento do desempenho dos alunos da EN e na melhoria da qualidade do ensino (Marreiros, 2017). Como pudemos ver pelo reconhecimento dos cadetes, este ator desempenhou um papel fulcral na delineação e concretização dos conteúdos formativos em saúde militar e naval aos cadetes mesmo sendo de forma informal e irregular.



Conclusões

Pela análise do exposto nos capítulos 2, 3 e 4 deste TIFC vamos validar as hipóteses colocadas na introdução, tentar retirar algumas conclusões e propor novos temas de trabalhos futuros.

A QC do TIFC pergunta se o currículo do ensino ministrado aos médicos navais na EN é adequado para as funções atribuídas aos médicos navais. Vamos analisar individualmente cada QD e H para tentar dar uma resposta final à QC.

A H1 afirma que o ensino ministrado aos médicos navais reflete apenas conhecimentos militares genéricos, descurando a especificidade da medicina militar e naval, não havendo temas médicos específicos da saúde no seu currículo. Após a análise dos currículos do CFO-MN e da FMCLM da EN verificamos, embora possa ter havido reconhecimento da especificidade da medicina militar na organização destes cursos, não houve integração de disciplinas específicas de saúde no seu currículo obrigatório. O ensino da saúde naval foi uma inconstante durante o percurso académico partindo de iniciativas individuais (nomeadamente do Diretor de Curso), nunca fazendo parte da estrutura formal do curso. Tendo em conta estes fatos a H1 está validada. Outro fator importante, retirado da entrevista ao Diretor de Ensino, é o fato de que a EN, por variadas razões, não tem capacidade intrínseca de fornecer este ensino específico em saúde militar/naval. A resolução deste problema poderá passar pelo ensino conjunto de todos os médicos militares desta componente específica.

A H2 aponta no sentido que o ensino dos médicos navais/militares nas Marinhas/Forças Armadas estrangeiras incluem currículos variados, tanto de índole militar pura como de saúde naval/militar. Tal como na realidade portuguesa o ensino da medicina é realizado em universidades civis. Nas duas realidades estrangeiras analisadas, é reconhecido que as faculdades civis não conseguem formar médicos militares. Tendo em conta esta premissa, os serviços de saúde militares têm um currículo específico tanto para a militarização destes médicos (instrução básica), bem como de preparação para a medicina operacional nas suas várias vertentes (instrução complementar). Deste modo a H2 está validada.

A H3 procura saber se os médicos navais sentem que a formação fornecida na EN, tanto o CFO-MN como a FMCLM, é suficiente e adequada para que se sintam capazes de desempenhar funções operacionais. O objetivo do questionário foi inferir essa sensibilidade junto da classe de médicos navais, sem pretensões de conclusões definitivas,



apenas demonstrar uma direção de resposta. Para além do exposto nas restantes respostas, a resposta 12 e 24 demonstram claramente uma opinião num determinado sentido: que os currículos obrigatórios não cumprem os requisitos necessários que os médicos sentem essenciais para se sentirem mais seguros na atividade operacional. Demonstra também que as formações obtidas partiram de iniciativas individuais, tanto do Diretor de Curso como individual, para que se sentissem mais aptos ao desempenho das suas funções.

Tendo em conta as limitações temporais e de extensão do trabalho, intrínsecas do próprio TIFC, conclui-se que as QD foram respondidas e as H colocadas foram validadas. Como o desenho de pesquisa foi a “*grounded theory*”, tivemos questões iniciais respondidas e partimos agora para colocação de colocar novas H e formulação de novas questões lançando novos temas.

Como deverão então ser estruturados os currículos dos cursos dos médicos navais, do CFO-MN e da FCMLM? Certamente que as alterações feitas ao CFO-MN já demonstram uma alteração ao currículo inicial no sentido de cumprir os requisitos pedidos pelos médicos navais, mas será suficiente? Será que não deveriam progredir um pouco mais, colocando até cursos realizadas por entidades externas, independentes das estruturas internas da Marinha, como por exemplo: o curso de VMER do INEM, TCCC[®], SAV, ATLS[®] e PHTLS[®], FCCS[®], CTEMPs, medicina tropical, etc. O Diretor de Ensino da EN reconheceu que uma das soluções para este fato poderá ser o recurso a entidades externas no ensino destas competências (Marreiros, 2017). Tendo em conta a junção do SSM com unificação e centralização das estruturas de saúde, outra solução para este problema, poderá ser a centralização do ensino inicial dos médicos militares numa estrutura conjunta entre as FFAA – eventualmente na nova UEFISM.

Uma outra questão relevante para um novo trabalho será responder à “velha” questão: qual será a melhor forma de admissão de médicos navais? Em 2014 o CMG MN Luís Bronze Carvalho escrevia “Começou a saída dos “médicos formados na Escola Naval”. É um êxodo que alguns previram e outros nunca quiseram ver... Estes últimos achavam que o doutrinamento fornecido pela vivência na EN iria sedimentar a ligação naval” (Carvalho, 2014).

Analisando comparativamente a figura 13 e 14 vemos que o número de admissões e os efetivos atuais são muito sobreponíveis entre as duas formas de admissão. Por aqui podemos concluir que o objetivo inicial da admissão de médicos pela EN, conforme descrito pelo autor anterior, não foi conseguido. A quantidade de abates aos quadros é



sobreponível. Se forem tidos em conta os custos para a instituição das formas de admissão vemos claramente que o método de escolha por admissão pela EN não surte efeito. Por informações fornecidas pelo diretor de ensino da EN por cada cadete admitido há um custo estimado para a Marinha de €200.000 pelo total dos anos de ensino (Marreiros, 2017).

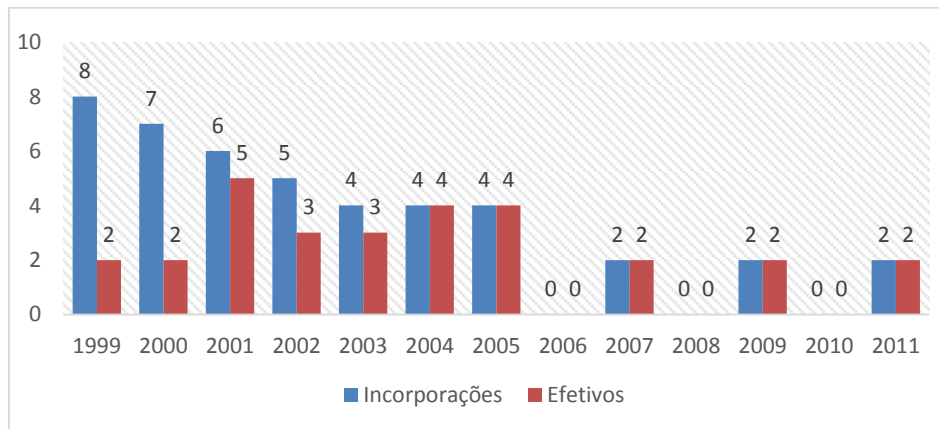


Figura 13 – Comparativo entre incorporações através da Escola Naval e efetivos atuais

Fonte: (Marinha Portuguesa, 2015) (Escola Naval, s.d.)

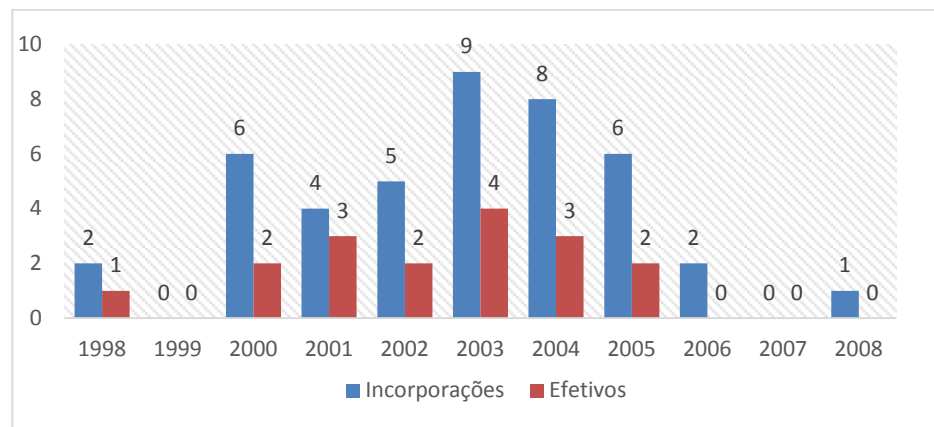


Figura 14 – Comparativo entre incorporações por concurso externo e efetivos atuais

Fonte: (Marinha Portuguesa, 2015) (Escola Naval, s.d.)

Uma das razões claras do abandono é claramente a falha na integração e no sentimento de pertença na cultura militar e naval, o que leva muitas vezes a um sentimento de não pertença e vontade de abandono da instituição. Este sentimento é visível pela taxa de abandono e é semelhante nos dois grupos, sendo mais evidente após o término da especialidade. Em relação às formas de admissão a realidade internacional também não é unânime: as FFAA espanholas têm as duas formas de admissão e a RN decidiu alargar o universo de médicos que podiam ser recrutados. Provavelmente a das duas formas de admissão terão de continuar a coexistir na nossa Marinha.



Bibliografia

- Academia da Força Aérea, 2017. *Mestrado Integrado em Medicina*. [Online] Available at: <http://www.emfa.pt/www/po/unidades/subPagina-10D00-019.003.005.006-medicina> [Acedido em 05 março 2017].
- Academia Militar, 2016. *Curso de Formação Militar Complementar do Mestrado em Medicina*. [Online] Available at: <http://academiamilitar.pt/curso-de-formacao-militar-complementar-do-mestrado-em-medicina.html> [Acedido em 06 Março 2017].
- Assembleia da República, 1986. Lei nº 46/86 de 14 de Outubro, Lei de Bases do Sistema Educativo. *Diário da República*, 1ª série, 14 Outubro, Issue 237, p. 3073.
- Assembleia da República, 1999. Lei do Serviço Militar. *Diário da República - I Série A*, 21 Setembro.
- Carvalho, L. B., 2014. O êxodo.... Em: *Anais do Clube Militar Naval*. Lisboa(Lisboa): Clube Militar Naval, p. 728.
- Conceito.de, n.d. *Conceito de Ensino*. [Online] Available at: <http://conceito.de/ensino> [Accessed 16 fevereiro 2017].
- Escola Naval e Faculdade de Medicina de Lisboa, 1999. *Protocolo de Cooperação entre a Faculdade de Medicina de Lisboa e a Escola Naval*. s.l., s.n.
- Escola Naval, 2002. *Plano de Curso para Oficiais Médicos Navais - Quadros Permanentes*, Lisboa: Escola Naval.
- Escola Naval, 2006. *Anuário da Escola Naval 2005/2006*. Lisboa: s.n.
- Estado-Maior da Armada, 2005. *Regulamento Interno das Forças e Unidades Navais - RIFUN*, s.l.: s.n.
- Farinha, L. F. V., 2017. *Ensino e Formação em Saúde nas Forças Armadas - questionário aos médicos navais*, Lisboa: s.n.
- General Medical Council, 2017. [Online] Available at: <http://www.gmc-uk.org/about/role.asp> [Acedido em 19 Março 2017].
- Guerra, P. C. d. S., 2013. Formação pós-graduada em Medicina e Enfermagem na Escola do Serviço de Saúde Militar.
- Guerra, T.-c. M. T. G., 2017. *O Corpo Militar de Saúde das Forças Armadas Espanholas* [Entrevista] (15 Janeiro 2017).
- J.F., P. T. et al., 2016. Asistencia sanitaria en buques de la armada española durante la operación Atalanta. Estudio descriptivo desde 2009 a 2015. *Sanidad Militar*, 27 mayo, Volume 72, pp. 175 - 181.



- Marinha Portuguesa, 2015. *Lista da Armada*, Lisboa: s.n.
- Marreiros, C.-d.-m.-e.-g. R., 2017. *Ensino ministrado aos médicos navais na Escola Naval* [Entrevista] (24 Maio 2017).
- Marshal, S. C. F., 2017. *Medical Teaching in the Royal Navy* [Entrevista] (15 Janeiro 2017).
- Ministério da Defesa Nacional, 2000. Plano de Estudos do CFMCLM da EN. *Diário da República - 1ª série B*, 12 Setembro, Issue 211, pp. 4813 - 4815.
- Ministério da Defesa Nacional, 2014. Gabinete do Ministro, Despacho nº 2943/2014. *Diário da República, 2ª série*, 21 Fevereiro, Volume 37, p. 5387.
- Ministério da Defesa Nacional, 2014. Lei Orgânica do Estado-Maior General das Forças Armadas. *Diário da República, 1ª série*, 29 Dezembro, Issue 250, pp. 6391 - 6392.
- Ministério da Defesa Nacional, 2014. Lei Orgânica do Exército. *Diário da República, 1ª série*, 29 Dezembro, Issue 250, pp. 6406 - 6413.
- Ministério da Defesa Nacional, 2015. Decreto Regulamentar nº 2/2015. *Diário da República*, 2015 Fevereiro, Issue 36, pp. 990 - 995.
- Ministério da Defesa Nacional, 2015. Estatuto dos Militares das Forças Armadas. *Diário da República, 1ª série*, 29 Maio, Volume 104, pp. 3211 - 3212.
- Ministérios da Defesa Nacional e da Educação, 1999. Portaria 162/99. *Diário da República - 1ª série - B*, 10 março, Volume 58, p. 1325.
- O'Reilly, M., s.d. *The Irish College of General Practitioners Limited*. [Online] Available at: https://www.icgp.ie/go/become_a_gp/faculty_of_military_medicine/what_is_military_medicine [Acedido em 16 05 2017].
- Santos, L. et al., 2016. Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação. In: C. d. I. d. Desenvolvimento, ed. *Cadernos do IESM*. s.l.:s.n., p. 40.
- The Foundation Programme, 2017. [Online] Available at: <http://www.foundationprogramme.nhs.uk/pages/home/about-the-foundation-programme> [Acedido em 19 Março 2017].



Anexo A — Plano de estudos da Formação Militar Complementar do Mestrado em Medicina da Academia da Força Aérea

ACADEMIA DA FORÇA AÉREA



Mestrado Integrado em Medicina

Plano de estudos do curso de formação militar complementar dos mestrados em Medicina e Medicina Dentária

Plano de estudos:

1º Ano, 1º semestre

Unidades Curriculares	Tipo	Horas Semanais	Créditos	Observações
História Militar e do Atividade Militar	Semestral	4	6,0	
Legislação Militar	Semestral	1	1,5	
Língua Inglesa I (STANAG 6001)	Semestral	3	1,5	
Psicologia Militar	Semestral	3	3,0	

1º Ano, 2º semestre

Unidades Curriculares	Tipo	Horas Semanais	Créditos	Observações
Ética e Deontologia Militar	Semestral	2	3,0	
Língua Inglesa II (STANAG 6001)	Semestral	3	1,5	
Marcelismo de Comandos	Semestral	4	6,0	
Orientação Topográfica e Cartas Militares	Semestral	1	1,5	

ACADEMIA DA FORÇA AÉREA



Mestrado Integrado em Medicina

2º Ano, 1º semestre

Unidades Curriculares	Tipo	Horas Semanais	Créditos	Observações
Língua Inglesa III (STANAG 6001)	Semestral	3	1,5	
Recursos Militares	Semestral	4	6,5	

2º Ano, 2º semestre

Unidades Curriculares	Tipo	Horas Semanais	Créditos	Observações
Língua Inglesa IV (STANAG 6001)	Semestral	3	1,5	
Operações Aéreas	Semestral	3	6,0	
Operações Conjuntas e Combinadas	Semestral	1	1,5	
Doctologia Militar	Semestral	2	3,0	

ACADEMIA DA FORÇA AÉREA



Mestrado Integrado em Medicina

3º Ano, 1º semestre

Unidades Curriculares	Tipo	Horas Semanais	Créditos	Observações
Língua Inglesa V (STANAG 6001)	Semestral	3	1,5	
Introdução às Relações Interacionais	Semestral	1	1,5	
Organização das Forças Armadas	Semestral	2	1,5	
Segurança e Prevenção de Acidentes	Semestral	2	1,5	

3º Ano, 2º semestre

Unidades Curriculares	Tipo	Horas Semanais	Créditos	Observações
Língua Inglesa VI (STANAG 6001)	Semestral	3	1,5	
Comando e Liderança	Semestral	4	6,0	
Legislação Militar	Semestral	3	3,0	
Defesa Nuclear, Radiológica, Biológica e Química	Semestral	1	1,5	

Legenda:

STANAG 6001 Standardization NATO Agreement Language Proficiency Levels



Apêndice A — Curso de Formação Militar Complementar do Mestrado em Medicina da Academia Militar (1º Ano)

1º ANO	
1º SEMESTRE	2º SEMESTRE
Metodologias da comunicação	Psicossociologia das Organizações
Noções fundamentais de Direito	Sociologia Militar
Organização Militar	Sistemas computacionais e de comunicação
Tática Geral e Operações Militares I	Organização do Terreno
Elementos de armamento	Tática geral e operações militares II
Ética e Liderança	Logística
Geografia	Teoria geral da estratégia
Língua Inglesa I	História Militar
	Língua Inglesa II



Apêndice B — Entrevista realizada à Tenente-coronel *Maria Teresa Guerra*

Enquadramento histórico enviado pela entrevistada:

A admissão de médicos para as FFAA espanholas antes de 1990 era através de um concurso externo independente para os três ramos (Marinha, Força Aérea e Exército) para médicos formados nas universidades civis que após um período de treino no ramo correspondente adquiriam o primeiro trabalho como oficial médico. Em 1990, após a unificação da Saúde Militar, o recrutamento continuou a ser por concurso anual de médicos com qualificações obtidas em universidades civis, mas que iriam desenvolver a sua formação militar geral inicial nas Academias Gerais da Marinha, Força Aérea e Exército e treino militar específico ou técnico posterior em saúde militar na *Escuela Militar de Sanidad* (EMISAN). Terminada esta formação recebiam o uniforme do ramo para onde eram direcionados e iniciavam a sua carreira como oficiais médicos. Desde o início que a preocupação era de capacitar os médicos civis com formação médica militar de âmbito técnico nas mais variadas áreas: cuidados de saúde no ambiente NRBQ; assistência médica em ambiente aeronáutico; medicina subaquática, hiperbárica e saúde naval; assistência em casos de múltiplas vítimas e catástrofes; medicina legal e pericial; gestores de instalações médicas de radiologia; medicina ocupacional e do trabalho; logística de saúde; proteção da força no âmbito da saúde; inteligência médica; reforço da formação em medicina pré-hospitalar e em ambiente de combate tático. Esta formação específica visava formar o oficial que se formou a partir de um perfil civil para se adaptar a qualquer destino onde fosse projetado e para complementar sua formação médica fornecida pela universidade civil. Para além destes fatores descritos outros acontecimentos motivaram a reorganização da Saúde Militar nas FFAA espanholas: projeção das FFAA do Reino de Espanha em missões internacionais (com a necessidade de incremento da formação em suporte avançado de vida em combate, logística sanitária, início de cursos na *Escuela Militar de Sanidad* – EMISAN) com o surgimento de unidades militares como o EMAT (*Escalón Médico Avanzado del Ejército de Tierra*), a *Unidad Médica de Apoyo al Despliegue Aéreo* (UMAAD) e a *Unidad Médica de Aereo-evacuación* (UMAER) assim como *Unidad Médica Embarcada* (USANEM) em terra, ar e mar respetivamente, adotando o novo paradigma de Saúde Logística e Operacional.

Já no século XXI surgiram planos de racionalização e modernização, adaptados aos eventos predominantes: encerramento de hospitais militares com diminuição da oferta de lugares e problemas graves de recrutamento entre os médicos. Em 2006 foi decidido abrir o ingresso para médicos militares outras nacionalidades com quem Espanha tinha acordos internacionais. Era também oferecida a escolha livre da especialidade médica a todos os médicos civis que entrassem nos corpos militares após um período de permanência nas unidades militares. Em 2012, com a adaptação do ensino militar europeu e com a implementação dos Centros Universitários de Defesa (CUD) em 2008 é estabelecida uma ligação com várias universidades civis. Deste modo e paralelamente à carreira militar os cadetes teriam um diploma universitário. A admissão é feita para o CUD em Madrid e a formação em medicina é feita ao longo dos seis anos do curso na *Universidad de Alcalá de Henares*, havendo um processo de seleção e formação comuns.

Pergunta 1 – Como é feita a admissão de médicos nas FFAA espanholas.

Resposta 1 – É possível entrar como oficial do CMS através de um concurso externo anual, de forma conjunta e independentemente do ramo das FFAA para que seja direcionado à posteriori e com vagas de numero variável (o ultimo concurso tinha 20 lugares) para várias especialidades do CMS: medicina, medicina



veterinária, medicina dentária, etc. Após ultrapassar esta fase inicial de recrutamento (normalmente no mês de Junho), começam um período de formação militar generalista com duração de quatro meses, realizada nas três academias militares (*Academia General Militar de Tierra* em Saragoça, *Academia General Militar del Aire* em Múrcia e a *Escuela Naval Militar* em Pontevedra) para aquisição de conhecimentos específicos militares de cada ramo. Após esta fase inicial começam então a formação militar técnica na área da saúde realizada na EMISAN, integrada na atual *Academia Central de la Defensa*. Esta formação técnica visa preparar os oficiais médicos de competências com treino em várias áreas: CBRN, medicina de catástrofe, ambiente aeronáutico, ambiente naval, suporte avançado de vida em ambiente tático, medicina pericial, apoio à força, inteligência sanitária, logística, etc – basicamente toda a formação medica militar necessária que um oficial medico militar precisa para ser projetado para qualquer lugar das FFAA. Quando acabam esta formação são graduados em tenente – o primeiro posto de colocação.

Pergunta 2 – Qual foi o racional que levou a reunir os oficiais médicos dos diferentes ramos no mesmo curso tendo em conta as diferenças na parte operacional, passando do recrutamento de civis para o ensino a militares?

Resposta 2 - A dada altura foi decidido que se poderia conseguir um perfil de pós-graduação adequado após um período de formação, para conseguir uma opção médica versátil e treinada para qualquer um dos ramos e deste modo facilitar a mobilidade, alteração do destino, a nomeação para missões internacionais, independentemente do ramo a que pertença. Foi tido em conta a facilitação da mobilidade e preparação de um médico para ser mobilizado para qualquer ambiente operacional (mar, terra ou ar) numa tentativa de otimizar os recursos disponíveis. Este médico versátil estaria disponível para integrar uma missão internacional em qualquer ambiente.

Pergunta 3 – Como é feito o processo de recrutamento de médicos para as FFAA querendo especificamente saber se é um processo conjunto ou separado por cada ramo.

Resposta 3 – O recrutamento é conjunto, anual e igual para todos já nenhum oficial fica associado a nenhum ramo. Formam todos parte do CMS (*Cuerpo Militar de Sanidad*) que por sua vez faz parte dos *Cuerpos Comunes de la Defensa* (juntamente com o *Cuerpo Jurídico Militar*, *Cuerpo Militar de Intervención*, *Cuerpo de Músicas Militares*).

Pergunta 4 – Qual é o conteúdo do currículo do curso de medicina?

Resposta 4 - Em relação ao conteúdo específico do curso de medicina na EMISAN pode ser consultado em anexo (tabela 3), com a ultima alteração em 2015. O currículo do curso de Medicina pode ser consultado na pagina eletrónica da *Universidad de Alcalá de Henares*.

Pergunta 5 – Qual é a relação com a *Escuela Militar de Sanidad* com a Universidade civil?

Resposta 5 – Desde 2012 que existe possibilidade de fazer o curso de medicina dentro das FFAA através de um acordo com a *Universidad de Alcalá de Henares* e o *Centro Universitario de la Defensa*. Embora para medicina e em Madrid fosse criado nesta data, nas academias militares já existiam acordos com universidades locais para os oficiais poderem completar mestrados e formações específicas. As disciplinas de saúde militar são as mesmas para os que são admitidos para fazer o curso de medicina e para os médicos já formados. A única diferença é que para os primeiros elas são divididas por seis anos de curso e para os segundos é durante um ano letivo.



Apêndice C — Entrevista realizada à *Surgeon Captain Fleur Marshal*

Pergunta 1 – Embora o alvo preferencial seja o de médicos licenciados, qual o racional recrutar estudantes de medicina para a Marinha Real Britânica?

Resposta 1 – No Reino Unido os médicos passam 5 anos na universidade e, em seguida, 2 anos como um *foundation doctor* antes de se registar no *General Medical Council*. A *Royal Navy* (RN) recruta cerca de 20 médicos por ano sendo que cerca de 15 destes, são recrutados enquanto estudantes de medicina. Estes estudantes podem inscrever-se depois de completados 2 anos de estudo, significando que eles podem ser "patrocinados" pela RN até 3 anos como um *undergraduate*. Durante este tempo são pagos pela RN e as suas propinas também são pagas, é conhecido como um *cadetship*. Em troca deste patrocínio há um retorno para o serviço de 6 anos. Os outros 5 médicos são recrutados durante os *foundation years* sendo conhecidos como *direct entry doctors*. As forças armadas não têm sua própria escola médica/universidade por isso é que o recrutamento tem de ser feito nas universidades do Reino Unido.

Pergunta 2 – As FFAA britânicas têm uma gestão centralizada dos médicos ou os ramos são independentes no recrutamento, admissão, treino e projeção do seu pessoal?

Resposta 2 – O recrutamento, gestão de carreira e promoção são de responsabilidade de cada ramo das FFAA embora alguma da formação medica militar seja realizada em conjunto. A formação médica de especialização, por exemplo ortopedia, é realizada dentro do Serviço Nacional de Saúde sob um acordo conjunto pelo Ministério da Defesa e Saúde. As projeções para missões dependem da missão e podem ser feitas por um único ramo ou numa operação conjunta. O aumento das projeções envolverá obrigatoriamente uma combinação de ramos.

Pergunta 3 – Quais são os critérios de admissão dos médicos para a Marinha? e quais eram

Resposta 3 – Os critérios podem ser consultados na pagina eletrónica da RN e é similar a todos os oficiais da RN.

Pergunta 4 – Existe algum currículo específico de saúde militar na formação militar dos médicos recrutados? Em que fase e onde é realizado e quais são os temas abordados?

Resposta 4 – Quando os licenciados em medicina terminam os *foundation years*, começam a sua formação militar naval básica. Esta formação é realizada na *Britannia Royal Naval College* em *Darmouth*. Esta é a fase de militarização dos médicos e tem a duração de 15 semanas sendo que esta fase é eliminatória. Se forem aprovados passam para a segunda fase de formação no *Institute of Naval Medicine* em *Gosport, Portsmouth*. Este é chamado de *New Entry Medical Officer (NEMO) Course*, tem duração de três meses e é realizado anualmente. Na conclusão de NEMO os médicos passam 3 anos como oficiais médicos de serviço geral passando por várias unidades operacionais: navios, submarinos, fuzileiros, etc. Resumidamente o curso NEMO inclui vários temas de integração dos médicos ingleses na medicina militar e naval. De entre muitos temas de formação médica militar podemos constatar: *Battlefield Advanced Trauma Life Support; Advanced Life Support; Standard Underwater Medicine Course; Psychiatric Master Class; Aviation Medicine Course; Dental Surgery Course; Underwater Helicopter Escape Trainer; Medical Organisation for Action & Emergency (MOFA); CBRN; Military Medical Computing System, etc.* O conteúdo deste curso pode ser consultado em mais detalhe no Apenso A.



Apêndice D — Questionário efetuado aos médicos navais

Ensino e Formação em Saúde nas Forças Armadas	
Estou a frequentar o Curso de Promoção a Oficial Superior - Marinha 2016/17 no Instituto Universitário Militar. Para o Trabalho Individual de Final de Curso é necessário a realização de um trabalho científico onde o tema atribuído foi o acima exposto. Na delimitação do tema foi decidido avaliar o currículo do Curso de Formação Complementar Militar ao Curso de Medicina realizado na Escola Naval. Para avaliar a adequabilidade dos seus conteúdos às exigências dos médicos navais peço o preenchimento deste inquérito. Todas as respostas são confidenciais e obrigatórias. Desde já agradeço a vossa colaboração.	
Secção 1: parte demográfica	
1.Endereço de E-mail	Resposta livre
2.Sexo	1.Masculino 2.Feminino
3.Idade	1.Abaixo dos 25 anos 2.Entre os 26 e os 30 anos 3.Entre os 31 e os 35 anos 4.Acima dos 36 anos
4.Qual o seu posicionamento na carreira médica?	1.Estudante de Medicina 2.Interno do Ano Comum 3.Interno da Especialidade 4.Assistente Hospitalar 5.Assistente Hospitalar graduado
5.Qual o seu posto?	1.Oficial Subalterno 2.Oficial Superior 3.Oficial General
Secção 2: forma de admissão na Marinha	
6.Como foi a sua admissão na marinha?	1.Por concurso externo, com a licenciatura em Medicina concluída 2.Através da Escola Naval, após termino do ensino secundário
Secção 3: Médicos admitidos por concurso externo	
Se não se enquadra neste grupo passe à secção seguinte. Esta secção destina-se a perceber que formação em saúde militar e/ou naval foi ministrada durante a Faculdade Medicina e no CFO-MN (e período imediatamente posterior), antes do início da atividade operacional.	
7.Onde fez a sua formação em medicina?	1.Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa 2.Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa 3.Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra 4.Faculdades de Medicina do Porto 5.Outras
8.A Faculdade de Medicina onde fez a sua formação base tinha alguma formação em saúde militar ou naval? (doenças tropicais, emergência médica, traumatologia, princípios básicos em NRBQ, etc.)	1.Sim, passe para a pergunta seguinte 2.Não
9.Qual era essa formação?	Resposta livre
10. O Curso de Formação de Oficiais Médicos Navais da Escola Naval tinha alguma formação em saúde militar ou naval?	1.Sim, passe para a pergunta seguinte 2.Não
11. Qual era essa formação?	Resposta livre
12. A Escola Naval preparou-o/a de forma satisfatória para ser um médico naval operacional (em toda a abrangência do contexto)?	1.Discordo totalmente 2.Discordo parcialmente 3.Concordo 4.Concordo parcialmente 5.Concordo totalmente 6.Não sei /Não respondo
Secção 4: Admissão pela Escola Naval após termino do ensino secundário	
Se não se enquadra neste grupo passe à secção seguinte. Esta secção destina-se a perceber que formação em saúde militar e/ou naval foi ministrada durante a Faculdade Medicina e na formação da Escola Naval (e período imediatamente posterior), antes do início da atividade operacional.	



Ensino e Formação em Saúde nas Forças Armadas

13. Como se chama o curso que fez na Escola Naval?	1.Licenciatura/Mestrado em Medicina 2.Licenciatura/Mestrado em Medicina Naval 3.Formação Militar Complementar da Licenciatura em Medicina 4.Licenciatura/Mestrado em Ciências Militares - Medicina Naval 5.Medicina Militar - Componente naval
14. A Faculdade de Medicina onde fez o ensino em Medicina tinha alguma formação em saúde militar ou naval? (doenças tropicais, emergência médica, traumatologia, princípios básicos em NRBQ, etc.)	1.Sim, passe para a pergunta seguinte 2.Não
15. Qual era essa formação?	Resposta livre
16. O currículo obrigatório da Escola Naval continha formação em saúde militar ou naval? (doenças tropicais, emergência médica, traumatologia, princípios básicos em NRBQ, etc.)	1.Sim, passe para a pergunta seguinte 2.Não
17. Qual era essa formação?	Resposta livre
18. A Faculdade de Medicina, onde fez a sua formação em Medicina, tentou adaptar o seu currículo (sabendo que era cadete militar) para o melhor preparar para a atividade operacional?	1.Sim, passe à pergunta seguinte 2.Não
19. Como foi essa adaptação de currículo?	Resposta livre
20. A Escola Naval tentou ministrar temas de saúde militar ou naval, mesmo não obrigatórios, para o/a melhor preparar para atividade operacional?	1.Sim, passe à pergunta seguinte. 2.Não
21. Como foi essa adaptação de currículo?	1.Resposta Livre
22. Como foi fornecida essa formação?	2.Palestras 3.Aulas 4.Conferências 5.Entre camaradas 6.Outras
23. De quem partiu essa iniciativa?	1.Diretor de curso 2.Entre os cadetes 3.Direção da Escola Naval 4.Direção da Faculdade de Medicina 5.Outra
24. A Escola Naval preparou-o/a de forma satisfatória para ser um médico naval operacional (em toda a abrangência do contexto)?	1.Discordo totalmente 2.Discordo parcialmente 3.Concordo 4.Concordo parcialmente 5.Concordo totalmente 6.Não sei /Não respondo
25. Fez a Pós-graduação em Saúde Militar ministrada na Escola de Serviço de Saúde Militar?	1.Sim 2.Não, não fui nomeado 3.Não, nunca ouvi falar dessa pós-graduação
26. Acha que a Pós-graduação em Saúde militar da Escola de Serviço de Saúde Militar era útil em preencher algumas lacunas do ensino de base da Faculdade de Medicina e da Escola Naval?	1.Sim 2.Não 3.Desconheço o Currículo 4.Não sei / Não respondo
Secção 5: Formação Operacional	
27. Que formação em saúde militar ou naval deveria ter tido na Escola Naval? (diga alguns tópicos ou cursos adequados à fase de formação)	Resposta livre
28. Fez alguma formação em saúde militar ou naval fora dos currículos obrigatórios, por sua iniciativa?	1.Sim, passe à pergunta seguinte 2.Não
29. Qual foi essa formação?	Resposta livre



Ensino e Formação em Saúde nas Forças Armadas

30. Alguns dos embarques no final do ano/curso foi acompanhado e tutorado por um médico naval?	1.Sim
	2.Não
	3.Não fiz embarques na fase de instrução, só como medico operacional
31. Se sim na resposta anterior, qual foi a duração média do embarque?	1.1 a 2 dias
	2.Uma semana
	3.Entre uma semana e um mês
	4.Mais que um mês
32. Se sim na resposta anterior, qual foi o propósito do embarque?	1.Missão SAR
	2.Embarques cadetes outras classes da Escola Naval
	3.Veleiros da Escola Naval
	4.Específicos para o nosso curso
Obrigado pela sua colaboração!	



Apenso A — *New Entry Medical Officer Course Programme 2017*

Wk 1 INM	0830 – 0915 (1)	0915 – 1000 (2)	1000- 1030	1030 – 1115 (3)	1115-1200 (4)	1200- 1300	1300 – 1345 (5)	1345 – 1430 (6)	1430- 1500	1500-1545 (7)	1545-1630 (8)
Mon 9 Jan	Travel, Dii and JPA Briefs	(11) Medical Department Routines	Stand Easy	(02) Medico-Legal Issues in the RN		LUNCH	(08) Casualty Reporting Procedures		Stand Easy	(09) Aeromedical Evacuation	ACOS Med Fireside Chat
Tue 10 Jan	<div>Battlefield Advanced Trauma Life Support</div> <div>Location: Fort Blockhouse</div>										
Wed 11 Jan											
Thu 12 Jan											
Fri 13 Jan	(20) Special Medical Examinations	Stand Easy	Unit Personnel Office Brief	Career Manager Session	Friday Buffet and Introduction to the Wardroom Mess from 1230 / Secure						

Wk 2 INM	0830 – 0915 (1)	0915 – 1000 (2)	1000- 1030	1030 – 1115 (3)	1115-1200 (4)	1200- 1300	1300 – 1345 (5)	1345 – 1430 (6)	1430- 1500	1500-1545 (7)	1545-1630 (8)
Mon 16 Jan	(34) Infection Prevention Control	(38) Environmental Health (EH)	Stand Easy	(40) EH	Outbreak Scenarios	LUNCH	Outbreak Scenarios (cont.)		Stand Easy	(37) Environmental & Public Health	(39) Occupational Health
Tue 17 Jan	(21A/21B) Medical Examination Under the Armed Forces Discipline Act (incl. Forensic Medical Examiner)					LUNCH	(05) Defence Medical Organisation		Stand Easy	(06) Regulations Affecting Medical Officers	
Wed 18 Jan	<div>Advanced Life Support</div> <div>Location: INM</div>										
Thu 19 Jan											
Fri 20 Jan		NEMO Portfolio Brief	Stand Easy	(54) Ethical Decision Making		Friday Buffet (Wardroom) from 1230					



Ensino e Formação em Saúde nas Forças Armadas

Wk 3 INM	0830 – 0915 (1)	0915 – 1000 (2)	1000-1030	1030 – 1115 (3)	1115-1200 (4)	1200-1300	1300 – 1345 (5)	1345 – 1430 (6)	1430-1500	1500-1545 (7)	1545-1630 (8)
Mon 23 Jan	(7) Signal Messages	(23) Medical Department Records & Returns	Stand Easy	(24) Medical Administration Procedures	(52) Medical Department Maintenance Afloat	LUNCH	(53) Medical Equipment Maintenance Afloat	(42) The Ambu-Resuscitator	Stand Easy	(36) Humanitarian Land Based Operations	
Tue 24 Jan	(12) Medical Department Reference Sources	(19) Water Sampling & Analysis	Stand Easy	(10) Care of the Dead	(43) CPERS	LUNCH	(32) Patient Referral Procedures	(25) Service Stretchers	Stand Easy	Chest Drain Presentation and Training	
Wed 25 Jan	Defibrillation (LT3)		Stand Easy	PT		LUNCH	(50) Lifestyle Lecturettes (LT3)				
Thu 26 Jan	GS GDMO Brief	SM GDMO Brief	Stand Easy	CDO GDMO Brief	Avn GDMO Brief	LUNCH	(44) Orthopaedic Emergencies				
Fri 27 Jan	Orthopaedic Emergencies (Practical)		Stand Easy	(45) Dermatological Conditions		Friday Buffet (Wardroom) from 1230					

Wk 4 INM	0830 – 0915 (1)	0915 – 1000 (2)	1000- 1030	1030 – 1115 (3)	1115-1200 (4)	1200- 1300	1300 – 1345 (5)	1345 – 1430 (6)	1430- 1500	1500-1545 (7)	1545-1630 (8)
Mon 30 Jan	Standard Underwater Medicine Course Location: INM										
Tue 31 Jan											
Wed 1 Feb											
Thu 2 Feb											
Fri 3 Feb	Friday Buffet (Wardroom) from 1230										



Ensino e Formação em Saúde nas Forças Armadas

Wk 5 INM	0830 – 0915 (1)	0915 – 1000 (2)	1000- 1030	1030 – 1115 (3)	1115-1200 (4)	1200- 1300	1300 – 1345 (5)	1345 – 1430 (6)	1430- 1500	1500-1545 (7)	1545-1630 (8)
Mon 6 Feb	(49) Climatic Illness and Injury					LUNCH	(49) Climatic Illness and Injury (cont.)				White Ensign Brief
Tue 7 Feb	Dispensing For Doctors					LUNCH	Dispensing For Doctors (cont.)				
Wed 8 Feb	(14) Medical Stores Organisation	(15) Controlled & Accountable Drugs	Stand Easy	(16) Medical Stores Demanding, Receiving and Storage		LUNCH	(17) Medical Stores Accounting & Returns		Stand Easy	Stores Paper-chase Exercise	
Thu 9 Feb	(30) Travel Medicine Package					LUNCH	(30) Travel Medicine Package (cont.)				
Fri 10 Feb	(48) Sexual & Reproductive Healthcare		Stand Easy	(47) Genito-Urinary Medicine (GUM)		Friday Buffet (Wardroom) from 1230					

Wk 6 INM	0830 – 0915 (1)	0915 – 1000 (2)	1000- 1030	1030 – 1115 (3)	1115-1200 (4)	1200- 1300	1300 – 1345 (5)	1345 – 1430 (6)	1430- 1500	1500-1545 (7)	1545-1630 (8)
Mon 13 Feb	(46) ENT Problems at Sea		Stand Easy	(41) Soft Tissue Injuries Management		LUNCH	(03) Medical Employment Standards Policy	Stand Easy and transport to Medical Appt		Medical Appt for MAME Medical	
Tue 14 Feb	(22) Heathcare Governance					LUNCH	(22) Heathcare Governance (cont.)				
Wed 15 Feb	<div>Psychiatric Master Class</div> <div>Location: INM</div>										
Thu 16 Feb											
Fri 17 Feb											



Ensino e Formação em Saúde nas Forças Armadas

Wk 7 INM	0830 – 0915 (1)	0915 – 1000 (2)	1000- 1030	1030 – 1115 (3)	1115-1200 (4)	1200- 1300	1300 – 1345 (5)	1345 – 1430 (6)	1430- 1500	1500-1545 (7)	1545-1630 (8)
Mon 20 Feb	<div>Aviation Medicine Course</div> <div>Location: RAF HENLOW</div>										
Tue 21 Feb											
Wed 22 Feb											
Thu 23 Feb											
Fri 24 Feb											

Wk 8 INM	0830 – 0915 (1)	0915 – 1000 (2)	1000- 1030	1030 – 1115 (3)	1115-1200 (4)	1200- 1300	1300 – 1345 (5)	1345 – 1430 (6)	1430- 1500	1500-1545 (7)	1545-1630 (8)
Mon 27 Feb	<div>Aviation Medicine Course</div> <div>Location: RAF HENLOW</div>										
Tue 28 Feb											
Wed 1 Mar											
Thu 2 Mar											
Fri 3 Mar											



Ensino e Formação em Saúde nas Forças Armadas

Wk 9 INM	0830 – 0915 (1)	0915 – 1000 (2)	1000- 1030	1030 – 1115 (3)	1115-1200 (4)	1200- 1300	1300 – 1345 (5)	1345 – 1430 (6)	1430- 1500	1500-1545 (7)	1545-1630 (8)
Mon 6 Mar	Wound Management (31)		Stand Easy	Practical Suturing		Stand Easy	Military Medical Computing System Location: INM Syndicate 1				
Tue 7 Mar	Military Medical Computing System Location: INM Syndicate 1										
Wed 8 Mar	Dental Surgery Course Location: HMS NELSON Syndicate 1										
Thur 9 Mar	Dental Surgery Course Location: HMS NELSON Syndicate 1						Pain Management				
Fri 10 Mar	Underwater Helicopter Escape Trainer RNAS Yeovilton					Friday Buffet (Wardroom) from 1230 / Secure					

Wk 10 INM	0830 – 0915 (1)	0915 – 1000 (2)	1000- 1030	1030 – 1115 (3)	1115-1200 (4)	1200- 1300	1300 – 1345 (5)	1345 – 1430 (6)	1430- 1500	1500-1545 (7)	1545-1630 (8)
Mon 13 Mar	Medical Organisation for Action & Emergency (MOFA) Location: HMS BRISTOL										
Tue 14 Mar	Compliance Management Tool (51)					LUNCH	NEMO Charity Day / Dinner Prep				
Wed 15 Mar	NEMO Charity Day										NEMO 17 Dinner Preparation
Thu 16 Mar			PT	Working With the RFA	LUNCH	GDMO Supervisor Afternoon Location: Wells Room, HMS EXCELLENT					
Fri 17 Mar	Medical Aspects of Sea Survival (33)	Health Promotion Team			Friday Buffet (Wardroom) from 1230						



Ensino e Formação em Saúde nas Forças Armadas

Wk 11 INM	0830 – 0915 (1)	0915 – 1000 (2)	1000- 1030	1030 – 1115 (3)	1115-1200 (4)	1200- 1300	1300 – 1345 (5)	1345 – 1430 (6)	1430- 1500	1500-1545 (7)	1545-1630 (8)
Mon 20 Mar	Medical Planning					LUNCH	NEMO Management Exercise		Stand Easy	Secure	Transport to WBN
Tue 21 Mar	<div>CBRN</div> <div>Location: Winerbourne Gunner</div>										
Wed 22 Mar											
Thur 23 Mar											
Fri 24 Mar	(26) Radiation Medicine (Legislation) Dr Foster	(27) Radiation Medicine (Effects & Protection) Dr Foster	Stand Easy	(28) Radiation Medicine (Accidents & Incidents) Dr Foster	(29) Radiation Medicine (Non-Ionising Radiation & Lasers) Dr Foster	LUNCH	Inval & Post Course Discussion Mr Proctor	Certificate Presentation MOIC	Secure		

Wk 12	27 - 31 Mar 17	GDMO Medical Centre Placement
Wk 13	3 - 7 Apr 17	GDMO Medical Centre Placement